

3  
20

BOLETIM N.º 259  
CADEIRA DE SOCIOLOGIA I N.º 9  
SÃO PAULO  
BRASIL  
1962

MARIA SYLVIA FRANCO MOREIRA

OS ALUNOS DO INTERIOR NA VIDA ESCOLAR  
E SOCIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO :  
TÉCNICA E RESULTADOS DE UMA  
PESQUISA DE TREINAMENTO.

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Departamento respectivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — Caixa Postal 8 105, S. Paulo, Brasil.

All correspondence should be addressed to the Department concerned Caixa Postal 8 105 S. Paulo, Brasil.

Impresso na Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1962





BOLETIM N.º 259  
CADEIRA DE SOCIOLOGIA I N.º 9  
SÃO PAULO  
BRASIL  
1962



MARIA SYLVIA FRANCO MOREIRA

OS ALUNOS DO INTERIOR NA VIDA ESCOLAR  
E SOCIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO :  
TÉCNICA E RESULTADOS DE UMA  
PESQUISA DE TREINAMENTO.

**COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
1962**

## INTRODUÇÃO

*As civilizações modernas vêm se caracterizando pelo recurso sistemático ao pensamento científico e à atividade técnica correlata. A aplicação de contrôles racianais à vida social e ao mundo físico se intensifica na medida em que aumenta a pressão exercida pelos problemas que escapam às soluções tradicionais e conforme o permitam, tanto o progresso das ciências de um modo geral, quanto as condições a que o seu desenvolvimento está sujeito em diferentes regiões. A necessidade de se ajustar a êsses padrões de organização, observados nas sociedades “desenvolvidas”, é requisito para todos os países que pretendem, senão assumir uma posição de liderança, pelo menos ganhar ou conservar sua independência no mundo moderno.*

*Em última análise, sociedades dêsse tipo dependem em larga escala da capacidade criadora de seus membros. O tipo de produção intelectual adequado a êsses “desenvolvimentos” não é o da simples aquisição de conhecimentos recebidos de culturas alinígenas, da maneira como ocorria entre nós até há algum tempo. Não há dúvida que a difusão e o aproveitamento de conhecimentos e técnicas importadas ainda desempenham papel de relêvo em países como o nosso e o seu significado positivo não deve ser menosprezado. Mas a chave para realizar o tipo de civilização para o qual tendemos está na capacidade de refletir na procura de soluções para problemas inéditos. Corolário dessa situação é a necessidade de preparar intelectuais e técnicos capacitados para uma atividade criadora. Chegamos com isto ao que nos interessa fundamentalmente: nossas condições presentes reclamam o abandono completo do padrão antigo de trabalho universitário, de simples transmissão livresca de conhecimentos produzidos algures e que não podia senão preparar, na melhor das hipóteses, eruditos arroladores de citações. O ensino universitário precisa, assim, incorporar*

*a pesquisa como parte fundamental (1). E' apenas o trato com problemas concretos, definidos e analisados pelos próprios grupos de estudo que poderá promover no aluno a atitude intelectual e o destramento científico necessários para a atividade criadora.*

*Tendo em vista essa orientação, as pesquisas de treinamento aparecem como o recurso básico para o preparo do aluno. São elas que permitem uma inteligência real dos conhecimentos adquiridos nas exposições teóricas. Neste último tipo de aulas, os conceitos fundamentais e os instrumentos metodológicos, por exemplo, correm o risco de se transformarem num mero conjunto de palavras, em definições que o aluno é capaz de repetir de modo exato, cujo significado verbal êle apreende, mas que não será capaz de utilizar. A pesquisa de treinamento defronta o aluno com êsses instrumentos de trabalho em operação e assim permite a êle perceber quando e como utilizá-los corretamente. O aprendizado científico não pode se realizar apenas através da familiaridade com aquilo que outros fizeram; sòmente a experiência de trabalho forma o aluno para a reflexão e para a atividade criadora.*

*Essa atividade criadora, estimulada na pesquisa pode, entretanto, ser desenvolvida em mais de um sentido, conforme a orientação didática adotada. É importante que se defina com clareza em que termos ela deve ser compreendida, de modo a que o aluno incorpore hábitos de trabalho compatíveis com o padrão moderno de produção científica. Entre nós não é difícil que a atividade criadora venha a ser confundida com a valorização do trabalho individual e autônomo. Éssa tradição de trabalho independente é a que vigora em tôda nossa produção intelectual: nela, o valor mais alto é, ainda, o da criação pessoal. Essa situação se reflete necessariamente em nosso sistema acadêmico. Nos cursos ordinários, o aluno é responsável, unicamente, por sua próprias atividades e as conseqüências do não cumprimento*

---

(1) — A caracterização do antigo padrão de ensino universitário e a necessidade de substituí-lo por um sistema que permita preservar e expandir a atividade criadora pode ser encontrada no trabalho de Florestan Fernandes: "Análise e Crítica do Projeto de Lei sôbre Diretrizes e Bases". — Cf. *Diretrizes e Bases da Educação* — volume organizado por Roque Spencer Maciel de Barros — Livraria Pioneira Editôra — São Paulo — 1960 — Parte II — cap. 2.

*das obrigações atinge apenas a êle próprio. E' fácil compreender os obstáculos que essa tradição de trabalho isolado acarreta para a conjugação de uma a equipe numa atividade unitária e, portanto, para a realização de tarefas que repousam fundamentalmente no encadeamento e na disciplina. É indiscutível a necessidade de estimular no jovem suas aptidões criadoras. Mas é também desejável que essa preocupação não venha a reduzir sua capacidade de trabalho, dificultando seu ajustamento às investigações modernas nas ciências sociais, que supõe a ordenação de diferentes tarefas em níveis onde variam os limites de auto-determinação.*

*Não é novidade alguma que no presente a criação científica é o resultado de um trabalho cooperativo. Nossa tradição cultural favorece ainda, entretanto, a ambição de prestígio pessoal e não promoveu, por enquanto, a transformação da "ideologia" do intelectual no sentido de facilitar sua conformação aos requisitos do trabalho de equipe. É verdade que só recentemente surgiram em nosso meio os recursos e as condições institucionais que vêm tornando necessária a implantação dessa nova atitude e a organização do trabalho científico em novas bases. Até bem pouco, e ainda hoje em grande parte, o cientista ficava relegado aos seus próprios recursos, a uma atividade unicamente pessoal, em tôdas as fases de seu trabalho, não podendo escapar dessa limitação ao definir os problemas a estudar e as modalidades de tratá-los. Esboça-se agora uma mudança nessas condições desfavoráveis e torna-se uma tarefa premente adestrar o pessoal necessário para a formação, a integração e as persistência de equipes. Elas só poderão sobreviver se a atitude de seus membros for conduzida para a compreensão de que as tarefas de cada um tem um sentido criador de conjunto, não obstante grande parte delas necessariamente se reduzir a técnicas que, parceladamente, são repetitivas. É verdade que êsses grupos têm, necessariamente, uma organização completa e diferenciada e que a indispensável divisão do trabalho promove a distribuição de tarefas que envolvem, em graus variáveis, a possibilidade de decisão e autonomia. Mas as vias para compensar a estandartização de atividades são abertas pela própria complexidade e diferenciação dessas organizações que podem permitir uma mobilidade do pessoal pelos vários escalões que a compõem. É sem dúvida necessário*

*que se evite uma organização estática e fechada, que se encontre um sistema de estímulos e promoções, de canais de ascensão que favoreçam a satisfação com o trabalho e possibilitem a realização dos ideais e ambições das pessoas envolvidas. Acreditamos que que o malôgro de alguns dêsses grupos de trabalhos, que vimos se constituírem com entusiasmo e norteados pelo ideal de trabalho científico produtivo, se deve fundamentalmente à impossibilidade de coordenação da atividade de seus membros, à sua incompreensão diante do trabalho cooperativo, à pressa em se dedicar a emprêsas em que gozassem de "liberdade criadora".*

*Quando pensamos na orientação a se imprimir às pesquisas de treinamento, é presico ver claramente que não existe futuro no trabalho isolado, que as gerações vindouras não poderão trazer nenhum progresso, e em alguns casos nem mesmo igualar, aquilo que as anteriores já realizaram dentro das contingências da produção individual.*

*O objeto dêste trabalho é relatar uma experiência, na realização de uma pesquisa de treinamento, em que se procurou adestrar os alunos nas técnicas e métodos de investigação sociológica ao mesmo tempo que implantar a atividade e os hábitos de trabalho a que nos referimos e que nos parecem fundamentais para a formação do pesquisador. O tema escolhido para estudo, de acôrdo com uma série de considerações, conforme se verá adiante, foi o do "Ajustamento do Estudante vindo do Interior do Estado de São Paulo para a Faculdade de Filosofia". Inicialmente projetado para o treinamento dos alunos que em 1956 faziam o curso de Técnicos e Métodos de Investigação, da Cadeira de Sociologia I, êste estudo acabou se estendendo e foi utilizado também para os trabalhos da turma de 1957. Assim, os dados aqui apresentados foram coligidos e em parte sistematizados por êsses dois grupos de alunos. Partes da elaboração dêsses materiais se deve, ainda , aos esforços de uma pequena equipe, constituída por alunos que em 1956 haviam participado da fase inicial do estudo e que posteriormente (1958) se dispuzeram a retomá-lo como parte de suas obrigações no Curso de Sociologia Aplicada, da mesma Cadeira.*

*A primeira parte dêste trabalho descreve as diferentes etapas da pesquisa de treinamento, com as razões ponderadas para a escolha do tema, a apresentação do projeto de pesquisa, a seleção das técnicas de levantamento de materiais e a discussão das condições de sua aplicação. Procurou-se referir os procedimentos técnicos e metodológicos às necessidades de treinamento dos alunos; tomou-se o cuidado de especificar, sempre, o pêso dos requisitos didáticos nas soluções adotadas no decorrer da pesquisa. A segunda parte consta dos principais resultados obtidos, tendo sido escolhidas para apresentação as informações mais completas e consistentes e que podiam ser integradas num contexto explicativo mais amplo que o estritamente constituído pelo universo empírico considerado na pesquisa. Inclui, ainda, uma parcela dos dados e evidências coligidos, justamente aquêles que foram aproveitados para elaboração final. A terceira parte se compõe dos instrumentos de trabalho utilizados: a ficha prévia de levantamento dos alunos a serem estudados e o roteiro de entrevista. Em apêndice, estão algumas considerações sôbre as condições favoráveis e as dificuldades que o nosso sistema acadêmico e a nossa tradição intelectual apresentam para a formação de pesquisadores nos moldes preconizados pelas investigações modernas nas ciências sociais.*



## A PESQUISA DE TREINAMENTO

A pesquisa de treinamento, tendo sido incluída recentemente como atividade regular nos cursos, apresenta inúmeras dificuldades para entrosamento em nosso sistema acadêmico. De acordo como o ponto de vista já exposto ela envolve, para que realmente atinja seus objetivos, uma modificação nos hábitos de trabalho e, em certa medida, a alteração de alguns valores e ideais que cercam as atividades científicas, pelo menos nas ciências humanas.

É preciso lembrar que se trata aqui, de treinamento em técnicas de investigação e que esses trabalhos se inserem na fase inicial do curso (correspondente ao segundo ano, no antigo regime seriado). Nessa fase, pelo menos, pensamos que todo o esforço deve ser feito no sentido de habituar o aluno a trabalhar conjuntamente, referindo sua atividade à dos colegas e a uma supervisão que, de maneira muito próxima, proceda à determinação, distribuição e verificação das tarefas. Quer o aluno venha a se ligar a um grupo de trabalho devotado exclusivamente a investigações científicas, quer ele entre para organizações comerciais, o início de sua carreira terá de ser feito, na maioria das vezes, como pesquisador que realiza tarefas de levantamento ou elaboração de materiais, cujo caráter já foi determinado em planejamento dos quais ele não participou ou que serão aproveitados em interpretações das quais ele estará excluído. Parece mais produtivo preparar o aluno para essa situação, do que dar a ele uma imagem pouco fiel das reais condições a que ele terá de se acomodar em seu trabalho profissional.

Contra essa orientação se poderia objetar que as capacidades criadoras do aluno poderiam ser sufocadas. Mesmo que se conceba essa capacidade criadora em termos individuais e não nos moldes de um trabalho cooperativo, esse risco não existe, visto que são várias as fontes e as modalidades de estímulos existentes em nossos cursos, dirigidos no sentido de fomentá-las. Oportunidade excelente é ofe-

recida pelos cursos de especialização, onde o aluno deve se desincubar de projetos completos de pesquisa.

Foi considerando que o estabelecimento dos novos hábitos de trabalho e a transmissão dos novos valores e ideais a que já nos referimos são tão importantes para a formação do pesquisador quanto sua familiaridade com os procedimentos técnicos, que esta pesquisa se organizou. Não se pode dizer que êsses objetivos tenham sido atingidos. Isso em parte se deve as resistências inevitáveis do próprio aluno, participante de um meio dominado pelos padrões individuais de trabalho. De outra parte, não houve continuidade na utilização desse esquema nas pesquisas de treinamento. Fica, entretanto, registrada a experiência feita, com a descrição dos recursos utilizados e as fases de seu desenvolvimento.

### 1 — *O Tema de Estudos*

Desde a seleção do tema, o trabalho foi orientado tendo em vista as necessidades de uma pesquisa de treinamento. Ao se escolher o ajustamento do aluno vindo do interior para a Faculdade de Filosofia procurou-se atender às seguintes exigências:

1) A exiguidade do tempo disponível pelos alunos, tendo em vista tanto a pequena duração do período letivo, quanto o fato da pesquisa de treinamento não se realizar em regime de tempo integral, mas ser apenas uma das obrigações, entre várias outras impostas pelas demais disciplinas do curso e que precisam ser cumpridas concomitantemente. Dêsse modo, foi necessário escolher um tema suscetível de sofrer limitações bastante grandes, sem, contudo, ficar prejudicado de modo fundamental.

2) A oportunidade de familiarizar o aluno com as técnicas mais correntes na pesquisa sociológica, tanto no que se refere ao levantamento quanto à elaboração de materiais. No caso presente, a intenção foi principalmente preparar o aluno para as tarefas relacionadas com a construção e a aplicação de entrevistas e questionários, bem como a elaboração de resultados conseguidos através desses instrumentos.

3) A facilidade de acesso às fontes, afim de evitar todo o dispêndio de esforços que não o estritamente imposto pelas necessidades de treinamento. O tema escolhido preencha especialmente essa exigência, pois concentrava num só local -e melhor ainda, no próprio local de estudo dos pesquisadores- tôda a documentação e tôda a população a ser considerada. São óbvias as enormes vantagens dessa situação, quando se pensa nas tarefas que podem ser feitas parceladamente, aproveitando hiatos eventuais nos programas cotidianos dos alunos, ou quando se lembra da simplificação dos problemas de localizar e abordar informantes.

4) A possibilidade de aproveitamento das experiências pessoais dos pesquisadores. Como já tem sido observado, a crítica dessas experiências, a partir de uma perspectiva sociológica, constitui um auxiliar valioso nas fases iniciais de um estudo, quando se procura descobrir e selecionar as variáveis relevantes para a proposição de um problema e para a escôlha das vias mais adequadas para o seu tratamento. Dêsse ponto de vista, completando a visão aberta pelos conhecimentos teóricos, as experiências pessoais constituem elemento importante no planejamento de uma pesquisa, especialmente quando não é possível utilizar, como acontece numa pesquisa de treinamento, o recurso de levantamentos exploratórios.

5) A necessidade de provocar o interesse do aluno. Faltando, numa pesquisa de treinamento, as modalidades de incentivo e controle de atividades, normalmente presentes nas situações de trabalho profissional, impõe-se a escôlha de um tema capaz de prender o aluno e mantê-lo disposto a cumprir as tarefas que lhe forem atribuídas, afim de garantir um mínimo de disciplina e regularidade no trabalho. A importância dêsse aspecto se evidencia quando nos lembramos que o aluno inicia o curso de treinamento com um expectativa e uma representação do trabalho de pesquisa que logo se chocam com as obrigações monótonas, cansativas e demoradas que os esperam e que são inevitáveis nos procedimentos técnicos.

A exposição das razões para a escôlha do tema já evidenciam as condições precárias a que a pesquisa de treinamento tem de se acomodar, e o pêso das exigências estranhas ao processo de transmissão dos conhecimentos técnicos.

## II — *A Organização dos trabalhos e o projeto de pesquisa*

Foi tendo em vista êsses problemas que se procurou organizar o treinamento em torno de um tema que desse unidade aos trabalhos. O objetivo previsto para o Curso de Métodos e Técnicas é o de adotar o aluno nos instrumentos de investigação e interpretação elaborados pela sociologia e não fazer com que êle participe de projetos completos de pesquisa, em que êsses instrumentos fossem organicamente utilizados. Esse é um alvo deixado para etapas mais avançadas de seus estudos. Apesar disso ,entretanto, na parte prática do curso, que é complementar às exposições teóricas e que visa principalmente o ensino das técnicas de investigação, optou-se pela integração dos vários procedimentos que deveriam ser apresentados aos alunos. Com êsse expediente o que se tentou foi subtrair o aluno da perda de interesse que o trabalho parcelado acarreta; a preservação dêsse estímulo torna-se necessária especialmente quando não estão presentes outros, tão ou mais poderosos, como por exemplo, a remuneração. De acôrdo com essa decisão foi elaborado um projeto limitado, cujas diferentes fases deveriam ser desenvolvidas de modo desigual, recebendo maior ênfase aquelas que se referiam precisamente aos objetivos do curso. Dêsse modo foi feita, antes do início do ano letivo e sem a participação dos alunos, a parte mais geral do planejamento da pesquisa, em que se tratou da proposição do problema escolhido, da discussão dos conceitos que seriam utilizados e da formulação de algumas hipóteses de trabalho. A parte referente aos procedimentos técnicos, isto é, a definição da população a ser estudada e a seleção e construção dos instrumentos de coleta e análise de materiais foram deixados para o decorrer do curso, visto que constituíam matéria que fazia expressamente parte de seus objetivos.

Não cabe aqui, reproduzir por completo aquela primeira parte do planejamento. É suficiente indicar suas linhas gerais e esclarecer que teve em vista o aproveitamento de resultados integrados na teoria sociológica e com os quais os alunos já estavam familiarizados através do Curso de Introdução à Sociologia.

A proposição do problema partiu da constatação do elevado número de estudantes vindos do interior do Estado de São Paulo,

existentes na Faculdade de Filosofia. Procurando dar um tratamento sociológico a essa questão, o objetivo seria o de saber:

- 1) Quais as condições sociais próprias às cidades do interior que levam os jovens a sair em busca de instrução, e que condições peculiares à Capital os atraí?
- 2) Os jovens que passam de um meio social para outro estão sujeitos a dificuldades de integração no sistema de relações sociais e de acomodação aos conteúdos culturais? Quais os canais sociais existentes para o seu ajustamento?

Procurou-se compreender todo o processo que envolve a decisão de saída do interior, a definição da conduta em São Paulo e os fins visados pelos jovens aproveitando as perspectivas abertas pelo conceito de sistema de ação (1), já do conhecimento do aluno. Tanto no que se refere ao meio social de origem, quanto ao de chegada, houve a preocupação de localizar a posição e os papéis dos jovens no sistema de relações sociais e os padrões culturais aos quais o seu comportamento (nos aspectos que dizem respeito a êste estudo) estava vinculado. A intenção era a de captar os motivos subjacentes à ação do jovem, a determinação do curso e do sentido de sua conduta em São Paulo e a definição dos objetivos por êle visados. Tanto os motivos da ação, quanto o seu curso e quanto os seus fins foram considerados como momentos integrados de um mesmo processo, referido sempre às condições do sistema social e do sistema de cultura. Ainda a partir dêsse mesmo esquema, foi definido o conceito de ajustamento social.

O conceito de sistema social implica na concepção de um conjunto de status e papéis sociais mutuamente referidos e vinculados a uma trama de relações sociais. A operação adequada dêsse sistema depende da satisfação de certos requisitos funcionais: é necessário que, no mínimo, expectativas de comportamento sejam incorporadas pelos agentes e que existam condições de ordem psíquica e cultural para que essas expectativas possam ser cumpridas de modo satisfatório. Dêsse modo, desenvolvem-se, nas sociedades, técnicas de con-

---

(1) — Cf. Talcott Parsons, *The Social System*. Londres, Tavistock Publications, 1952. Talcott Parsons e Edward Shils, *Toward a General Theory of Action*. Cambridge, Mass, Harvard University Press, 1951.

trole no sentido de fazer com que seus membros venham a desempenhar adequadamente e de acôrdo com os comportamentos sancionados, os papeis inerentes a seu status. O processo de ajustamento é, assim, concebido em termos do maior ou menor grau em que o jovem fôr capaz de satisfazer às expectativas definidas em relação a êle e de assumir a posição que lhe foi prevista no novo meio social em que se fixou. Nosso foco de interêsse são as condições sociais em que êsse processo ocorre; as dificuldades individuais, os dramas psicológicos porventura envolvidos só irão interessar na medida em que forneçam elementos par penetrar e conhecer essas condições sociais.

Proposto o problema, e definidos os conceitos que iriam ser usados no trabalho, procurou-se formular algumas hipóteses que pudessem orientar o processo de observação e presidir a seleção dos aspectos da realidade que deveriam ser levados em conta.

Um dos pontos de partida foi a contatação de que áreas cada vez maiores do Brasil, estão sendo incorporadas ao sistema econômico capitalista e que êsse fenomeno acarreta transformações em vários setores da vida social, levando a um afastamento, em maior ou menor grau, dos padrões tradicionais e à sua substituição por padrões urbanos. Com base nessa afirmação, considerou-se que o maior contingente de estudantes que tem se dirigido a São Paulo é oriundo daquelas cidades que estão sofrendo de modo mais sensível essa mudança. Uma vez assentes êsses elementos, foi proposta uma primeira hipótese (referida ao primeiro grupo de problemas):

Com essa mudança, estaria se operando uma alteração no sistema de posições sociais, surgindo novas aspirações nos indivíduos que vivem essa situação. Isto os leva a recorrer a determinados centros urbanos (neste caso particular, São Paulo) onde se desenvolveram instituições destinadas a fornecer o necessário adiestramento para que possam ser satisfatòriamente cumpridos os papeis inerentes a êsses status. Ao mesmo tempo estaria ocorrendo um afrouxamento ou alteração das formas tradicionais de controle social, permitindo o desligamento dos indivíduos daquelas comunidades.

Outro ponto de partida, foi a constatação de que existe uma diferença de estilos de vida entre as cidades do interior e uma cidade

como São Paulo. Reconhecida essa diferença, é de se supor que os estudantes, ao passarem de um meio social para outro, vão ter de enfrentar condições de vida que são novas e para as quais não foram preparados nas situações vividas anteriormente. Vão, portanto, atravessar uma fase difícil. Pode-se assim, supor que haja um período de desajustamento que o grupo de estudantes vindos do interior enfrenta quando passa a viver em São Paulo. Considerando-se que êsses estudantes provêm de meios sociais diferentes, pode-se também admitir que estejam equipados de modo desigual para resolver os problemas que tiverem de enfrentar, estando uns mais e outros menos capacitados a ajustar-se às novas situações. Com isto, se propoz uma segunda hipótese (referida ao segundo grupo de problemas):

O período de desajustamento do grupo de estudantes vindos do interior se estende por espaços de tempo que variam. Quanto mais o meio social antigo se aproxima do tipo em que inclui o meio social novo, tanto maior rapidez ou facilidade de ajustamento; quanto mais o primeiro se diferenciar do segundo, tanto maior a lentidão ou dificuldade dêsse processo (1).

Com isto, se pode passar a uma terceira ordem de cogitações, isto é, de quais são os meios que o novo ambiente social proporciona para que o grupo de jovens consiga superar essa fase crítica, quais os canais de ajustamento que oferece. Neste ponto, é de se notar o interesse da análise se realizar durante a fase de ajustamento dêsses jovens. No período em que êsse processo está em curso, os indivíduos não adquiriram ainda hábitos capazes de fazê-los perder a consciência dos motivos de seus atos, sabendo como e porque vêm a procurar determinados locais e grupos de pessoas. Não tendo uma rotina de vida organizada, que os leve a submeter-se insensivelmente a uma seqüência mais ou menos fixa de eventos, dentro de um certo ritmo, emprestam ainda um sentido à sua ação. Assim, torna-se mais fácil apanhar, através dêsses indivíduos que estão vivendo o processo, os mecanismos de ajustamento existentes no meio social considerado, aparecendo com maior nitidez os canais disponíveis para êsse fim. Como não estamos tratando genêricamente do ajustamento de pessoas

---

(1) — Esta hipótese precisou ser reformulada em vista do material colhido.

que se transferem do interior para Capital, mas sim do ajustamento de grupos de estudantes que se dirigem para São Paulo visando expressamente utilizar-se dos recursos fornecidos pelo ensino superior, justifica-se que tomemos o meio social por êle formado como principal unidade de trabalho, considerando apenas uma das instituições que o integram: a Faculdade de Filosofia. Interessa-nos saber em que medida essa escola contribui para o ajustamento dêsses estudantes. Em relação a êsse ponto, podem ser formuladas duas hipóteses alternativas:

- a) A Faculdade de Filosofia funciona como fator propício ao ajustamento do estudante vindo do interior, proporcionando-lhe a constituição de um meio social favorável. Permite a formação de um grupo de convivência onde se estabelecem laços de solidariedade que atenuam as tensões a que estão sujeitos e onde podem colher elementos capazes de familiarizá-los com o novo ambiente e adotá-los convenientemente para nele viver. (A constituição dêsse meio social favorável ocorre através da formação de grupos de estudos, da freqüência a bailes, excursões, jogos, da participação das atividades do Grêmio etc.).
- b) A Faculdade de Filosofia funciona como fator desfavorável a êsse ajustamento, criando um ambiente hostil ou indifferente, onde os estudantes vindos do interior se sentem desvinculados e que também não lhes oferece possibilidades de se adestrar convenientemente para viver nas novas situações. (o desinteresse ou rejeição por parte dos colegas da Capital, o caráter “fechado” de certos grupos, a natureza das relações professor-aluno, as dificuldades experimentadas frente às novas técnicas de ensino e às expectativas quando à realização dos deveres escolares, podem ser fatores de retardamento do processo que nos interessa).

O fato de tomarmos a Faculdade de Filosofia como principal foco de interêsse não significa que de todo não nos preocupemos com os canais de ajustamento oferecidos pela sociedade em geral. Nesse sentido, podemos sugerir que:

Os grupos de parentesco, as relações de trabalho, a convivência mantida nos locais de alojamento e alimentação, a participação em atividades recreativas, etc. agem no sentido de facilitar o ajustamento do estudante vindo do interior.

### III — *O levantamento de materiais.*

#### 1) *Levantamento e classificação da população em estudo.*

A fase inicial dos trabalhos compreendeu o inventário da totalidade dos alunos que ingressaram na Faculdade de Filosofia em 1956. O levantamento e a descrição dessa população impunha-se como a primeira etapa necessária para a definição do grupo que iria ser estudado. Dentre todos os alunos matriculados nos primeiros anos das várias secções da Faculdade de Filosofia, apenas alguns interessavam ao estudo e êsses precisavam ser cuidadosamente identificados de acôrdo com os critérios estabelecidos na proposição do problema e na formulação das hipóteses. Esse levantamento inicial foi feito através de pesquisas realizada na Secretaria da Faculdade de Filosofia, aproveitando-se a documentação existente nos protocolos dos alunos. Com essas informações foi elaborada uma ficha na qual: a) se especificava os dados correntemente usados para identificação pessoal; b) se reconstruía o tipo de formação escolar recebida pelo aluno, com os períodos de tempo e os locais em que ela se realizou.

Os dados contidos nesse segundo item possibilitam a descrição do grupo de alunos, num nível de diferenciação suficiente para os objetivos do estudo. Eles indicam alguns aspectos das condições de vida do aluno, anteriores ao seu ingresso na Faculdade de Filosofia. Em primeiro lugar êles nos permitem inferir as características mais gerais do equipamento intelectual que os jovens trouxeram consigo para enfrentar o trabalho numa escola superior, onde seus hábitos escolares irão sofrer mudanças consideráveis. Por essa via, não se conhece as diferenças individuais de formação intelectual; ela permite captar as variações grupais, através da observação dos currículos dos diversos tipos de curso fundamental e médio, suficientemente distintos para que se considere diversificada a formação recebida em cada um dêles. De outra parte, por êsses dados é possível determinar, atra-

vés dos locais em que foram realizados os cursos, a área de proveniência do aluno e também se percebe, grosseiramente, o seu meio social do origem e o período de tempo em que êle ficou exposto às influências de um mesmo ambiente sócio-cultural. Por aí também se pode notar o grau de vinculação do aluno ao meio social antigo, ou o grau de mobilidade por êle já experimentado. Para o nosso problema, são fundamentais as diferenças entre alunos que chegaram a São Paulo sem nenhuma estadia regular prévia em meios sociais estranhos ao seu próprio e outros que acusam experiências dêsse tipo.

Finalmente, a especificação da época em que foram feitos os cursos, quando considerada em relação à data de nascimento, permite a definição de grupos de idade, procedimento importante quando se trata de problemas de ajustamento. Ainda mais, os dados sôbre os períodos de tempo em que transcorreram os cursos, quando combinados com os locais em que êstes foram realizados, introduzem maior segurança nas conclusões sôbre estabilidade ou mobilidade dos jovens. É claro que se todos os cursos foram feitos sem interrupção e se sabemos onde foram feitos, podemos conhecer precisamente o paradeiro do aluno pelo menos durante os sete anos de duração dêses cursos, isto é dos onze anos de idade até o ingresso na Faculdade de Filosofia. Isto nos dará, em termos gerais, uma indicação da homogeneidade ou diversificação das situações sociais vividas pelo jovem. Esse tipo de inferência será tanto menos significativa quando maiores forem os períodos de interrupção porventura ocorridos durante os cursos, entre êles, ou entre o término do curso secundário e a entrada para a Faculdade de Filosofia.

Esse critério, dos locais e períodos de realização dos cursos foi, em nosso esquema, combinado com os dados sôbre a cidade de nascimento, numa tentativa de estender o âmbito dos conhecimentos úteis para a descrição preliminar do universo a ser estudado. A suposição é a de que os alunos que nasceram e fizeram todo o curso secundário em uma determinada localidade são os que apresentam maior estabilidade. Esse critério não se reveste da mesma segurança que o apresentado no parágrafo anterior, pois não dispomos de informações sôbre o período que medeia entre o nascimento do aluno e o seu ingresso nos cursos médios. É claro que, nesse espaço de tempo, a família

do aluno pode ter se ausentado provisoriamente da cidade em que êle nasceu e retornado a ela posteriormente.

Terminado êsse levantamento para os alunos que em 1955 ingressaram na Faculdade de Filosofia, procedeu-se a classificação dêsse material, de acôrdo com os critérios já discutidos. O esquema dessa classificação foi o seguinte:

- 1) Alunos que fizeram todo o curso secundário no interior e na mesma cidade, independentemente do local de nascimento.
- 2) Alunos que fizeram todo o curso secundário em São Paulo, independentemente do local de nascimento.
- 3) Alunos que fizeram todo o curso secundário na cidade de nascimento
  - a) No interior
  - b) Em São Paulo
  - c) Em outros estados
- 4) Alunos que fizeram o curso secundário em localidades diferentes (mobilidade durante o primeiro ciclo, entre o primeiro e o segundo ciclo, durante o segundo ciclo).

Essas categorias tôdas foram detalhadas, tendo em vista considerar se a mobilidade ocorreu entre cidades do interior, se os alunos registram passagens por São Paulo, ou por outros Estados, e se ocorreu interrupção entre os cursos. Considerou-se também a idade dos alunos, o tipo de curso feito e a época de seu término. Com base nessa classificação foi selecionada a população a ser estudada.

#### População incluída no estudo

##### 1. Alunos que fizeram todo o curso secundário no interior

Término do 2.º ciclo	número de alunos
1950	7
1951	14
1952	16
1953	41
1954	38
<i>Total</i>	116

2. Alunos que fizeram parte do curso secundário no interior (1.º ciclo) e parte em São Paulo (2.º ciclo)

Término do 2.º ciclo	número de alunos
1950	0
1951	1
1952	3
1954	8
1955	16
<i>Total</i>	28

3. Alunos que fizeram todo o curso secundário em São Paulo (grupo de controle) — 37.

População excluída do estudo

1. Alunos que fizeram todo o curso secundário em São Paulo (população da qual foi extraído o grupo de controle)

Término do 2.º ciclo	número de alunos
1950	10
1951	10
1952	20
1953	65
1954	87
<i>Total</i>	192

2. Alunos que fizeram todo o curso secundário em São Paulo

Término do 2.º ciclo	número de alunos
——— 1949	22

3. Alunos que fizeram todo o curso secundário no interior

Término do 2.º ciclo	número de alunos
——— 1946	11
1947 ——— 1949	8
<i>Total</i>	19

4. Alunos que fizeram parte do curso secundário em São Paulo e parte no interior

Fixação em São Paulo antes de 1950	18
Mobilidade muito grande entre São Paulo e o interior	11
<i>Total</i>	29

#### 5. Miscelanea

Diplomados por Escola Superior	16
Professôres secundários	1
Curso secundário no estrangeiro	1
Bolsista estrangeiro	1
Seminaristas	11
Curso de Madureza	19
Matrícula mediante apresentação de trabalho	1
Provenientes de outros Estados	29
Nascidos em outros Estados e Paizes e que acusam mobilidade muito grande no curso secundário	13
<i>Total</i>	92

Firmados os critérios para a descrição preliminar da população, procurou-se determinar, mais precisamente, a proveniência, em termos de distribuição ecológica, do aluno que em 1958 ingressou na Faculdade de Filosofia. Esse procedimento se impunha como uma decorrência das hipóteses formuladas no projeto de pesquisa. Partiu-se da constatação de que as condições sociais no interior do Estado de São Paulo não são homogêneas e da suposição de que o ajustamento à situação encontrada na Capital estaria referido às situações sociais vividas anteriormente. Foi suposto ainda, que o maior contingente de alunos seria fornecido pelas regiões que estivessem passando por processo mais intenso de transformação, tendendo para a organização da vida de acôrdo com padrões urbanos. A preocupação foi, assim, de tomar por referência êsse processo de mudança social e estudar a proveniência do aluno da Faculdade de Filosofia, observando se existe um padrão de distribuição, com maior ou menor concentração em determinadas áreas do Estado, definidas mediante critérios que de algum modo reflitam êsse processo de transformação.

Não são muito ricas, no Brasil, as informações disponíveis sobre a constelação de fatores realmente presentes nas situações concretas que se procura caracterizar do ponto de vista do complexo urbanização, industrialização e secularização da cultura. Entretanto, sem dúvida alguma, no Estado de São Paulo, a Capital é a área que realiza mais plenamente essas características, não encontrando paralelo em outras regiões. Foi, por isto, isolada neste trabalho. No que se refere ao interior do estado, a subdivisão em áreas que serviria a esta pesquisa seria aquela que, construída embora a partir de outros pontos de vista, refletisse pelo menos indiretamente o fenômeno de mudança social acima referido. Entre os trabalhos existentes nesse sentido, o que se revelou mais conveniente, foi o elaborado por Vicente Unser de Almeida e Otávio Teixeira Mendes (3).

O zoneamento nele proposto oferece, para esta pesquisa, em relações aos trabalhos congêneres (4), a vantagem de permitir uma sumarização conveniente dos dados de que dispomos. As três zonas que os autores apresentam, constituem classes com limites bem definidos e com uma amplitude suficientemente grande para tornar significativa a classificação do material, levantado num universo reduzido. Se tomado por base um dos trabalhos que subdividem o estado numa pluralidade de pequenas áreas, a distribuição dos 490 casos aqui considerados tornar-se-ia demasiado dispersa.

O critério adotado no referido trabalho foi o de subdividir o estado de acordo com as diferentes etapas de colonização e povoamento, definidas com base em surtos imigratórios -nacionais e europeus-bem como em movimentos migratórios internos a São Paulo. Estabelecidas essas fases, verificaram os autores sua correspondência com as áreas agro-econômicas do Estado, convencionalmente conhecidas como Zona Velha, Zona de Transição e Zona Nova. O critério morfológico utilizado nesse trabalho constitui base suficiente para se propor em termos gerais as diferenças sócio culturais observáveis no Estado de São Paulo. As etapas de povoamento e colonização,

---

(3) — Vicente Unser de Almeida e Otávio Teixeira Mendes, *Migração Rural Urbana*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1951.

(4) — Uma notícia completa sobre esses trabalhos se encontra em Juarez Brandão Lopes, "Zonas Ecológicas do Estado de São Paulo", in *Educação e Ciências Sociais*, v. 2, n.º 5, 1957.

variáveis básicas consideradas para a determinação das três zonas, estão intimamente ligadas às modalidades de desenvolvimento econômico, de ordenação das relações sociais e de determinação dos padrões culturais, refletindo indiretamente os estilos de vida que, entre nós, se configuraram em torno das formas de apropriação e exploração do solo. O exame da proveniência dos alunos da Faculdade de Filosofia estará sempre referido a essas quatro diferentes áreas: à cidade de São Paulo, e às Zonas Velha, de Transição e Nova.

## 2) *O Roteiro de entrevista*

Para a parte de pesquisa de campo, considerou-se a conveniência de utilizar um instrumento que permitisse treinar o aluno simultaneamente nos procedimentos básicos envolvidos na construção e aplicação de questionários e entrevistas. A utilização de um instrumento desse tipo, justifica-se em face da própria dificuldade que se encontra ao se tentar caracterizar precisamente o que seja um questionário e o que seja uma entrevista. As várias tentativas de distinguir um do outro, com base em aspectos formais ou na modalidade de intercâmbio estabelecido entre informante e pesquisador, não são muito consistentes. Costuma-se, por exemplo, diferenciar questionário de entrevista, definindo o primeiro como uma fórmula escrita, a ser preenchida pelo próprio informante, e a segunda, como uma situação que implica em contacto face a face e na interação de duas pessoas. Tênicamente, a consequência importante é que, no primeiro caso, a fórmula escrita seria o único veículo de comunicação com o informante, de modo que a validade dos resultados estaria em grande parte dependendo de cuidados formais que garantissem a inteligibilidade plena dos quesitos; no segundo caso, o entrevistador passaria a ser o elemento chave de comunicação de modo que a ênfase se deslocaria para a prescrição pormenorizada das instruções a êle dirigidas. Mas essas são distinções que se revelam inoperantes. Basta lembrar um tipo de instrumento que, do ponto de vista desse critério, questionário e entrevista se confundem: caso em que se utiliza um rol de perguntas formuladas de antemão, cujas respostas são previstas como alternativas fechadas, a serem escolhidas pelo informante ou registradas pelo pesquisador, no decorrer de um intercâmbio.

bio verbal. Nesse caso se conserva, do primeiro critério, a fórmula pré-estabelecida (e as exigências formais) e do segundo, o contacto pessoal como elemento necessário (e portanto, o contróle do entrevistador).

Outra tentativa de diferenciação é a que toma por base o grau de liberdade e de iniciativa permitidos aos pesquisadores: o questionário (ou o formulário) conteria questões que não comportam alterações; a entrevista implicaria na seleção, pelo próprio pesquisador, dos itens e quesitos a serem abordados e na escolha do modo mais conveniente de formulá-los em cada caso. Para que fique clara a precariedade dessa diferenciação, basta lembrar as pesquisas de atitudes, em que é fundamental a padronização dos estímulos aos quais são submetidos os informantes. Nessas pesquisas, terá sempre uma importância muito grande a redação das perguntas e a ordem de sua apresentação e assim, do ponto de vista formal será impossível diferenciar um questionário (ou formulário) de um roteiro de entrevista estandarizada, pois ambos supõem a observância de um esquema rigorosamente estabelecido.

Do ponto de vista da função no processo de pesquisa, todos os instrumentos que convencionalmente chamamos questionários e entrevistas, em tôdas suas modalidades, podem ser usados indiferentemente, em quaisquer dos momentos do trabalho, dependendo da adequação a cada caso particular. Nas fases exploratórias ou de planejamento de uma pesquisa, por exemplo, pode ser indicada a utilização desde formas pouco estandarizadas, como recurso auxiliar para identificação dos aspectos relevantes para o trabalho e para a formulação de hipóteses, até instrumentos sumários que visam o levantamento descritivo da população de acôrdo com determinadas variáveis. Quaisquer dos tipos de questionários ou de entrevistas pode ser usado como instrumento central para a coleta de materiais; podem também indistintamente funcionar como recurso de complementação dos dados levantados por outras vias, dependendo de sua adequação ao problema e ao modo pelo qual êle deverá ser tratado.

Nesses termos, portanto, não são definitivas as tentativas de distinguir questionários de entrevista, nem do ponto de vista de sua forma, nem do ponto de vista de sua função no processo de pesquisa. Realmente, são fluídos os limites entre ambos, e a inclusão de um

determinado instrumento em uma ou outra dessas categorias dependerá apenas da ênfase relativa colocada em seus elementos constitutivos que, basicamente, são os mesmos. Tanto questionários quanto entrevistas podem ser considerados, em suas múltiplas modalidades, como o resultado da utilização de um mesmo princípio, que vem sendo crescentemente explorado e elaborado nas ciências sociais, e que diz respeito à possibilidade de obter informações controladas, fidedignas e válidas do ponto de vista científico por meio de perguntas e respostas. Expressão completa dessa linha, é a afirmação de Gordon Allport: “Se desejamos saber como as pessoas se sentem, quais as suas experiências e as coisas das quais se lembram, quais suas emoções e motivos, quais as razões para agirem como o estão fazendo — por que não lhes perguntar?” (5).

São os qualificativos que utilizamos no parágrafo anterior -informações fidedignas e válidas- que colocam os problemas de construção, de aplicação e de elaboração de resultados. São êsses requisitos de rigor científico que determinam muito precisamente a manipulação adequada, em cada caso particular, do mesmo princípio geral e que definem a forma conveniente do instrumento a ser utilizado e a função prevista para êle na pesquisa.

Na falta de uma terminologia genérica, continuamos a nos referir a questionários e entrevistas; já se nota, porém, na literatura técnica, a tendência de utilizar entrevista como o termo mais compreensivo. Mas o que nos interessa aqui, é que êsse instrumentos são flexíveis tanto do ponto de vista da forma, quanto do ponto de vista do conteúdo. Há uma gama muito grande de modalidades que podem ser utilizadas, dependendo do nível de conhecimento e do grau de precisão que se deseja atingir. Mas, em termos gerais e do ponto de vista técnico, isto é, de construção, aplicação e elaboração de resultados, êles podem ser tratados unitariamente, havendo um conjunto de normas e regras básicas que valem para todos. Não resta dúvida que há a formalização e a ordenação de conhecimentos que dizem respeito especificamente a certos tipos de instrumentos. Mas esses resultados são particularizações e refinamentos

---

(5) — Citado em Jahoda, Deutsch and Cook — *Research Methods in Social Relations*, vol. I, The Dryden Press — New York — 1953, (third printing)

de problemas que podem ser tratados em termos gerais. Questões fundamentais referentes à redação e à seqüência das perguntas, às partes que compõem um protocolo completo, aos passos necessários para a construção do instrumento, às condições de aplicação, à revisão e crítica das respostas obtidas, à classificação, codificação e tabulação das informações, podem ser tratados conjuntamente.

Como o que estava em pauta era uma pesquisa de treinamento o tipo de roteiro a ser usado foi escolhido tendo em vista conseguir o tratamento mais completo possível dessas várias questões. Com êsse objetivo, projetou-se um roteiro estandarizado, o que nos pareceu a forma mais conveniente de apresentar os problemas de construção e adestrar o aluno no referente à redação e seriação, bem como familiarizá-lo com as várias modalidades de perguntas correntemente usadas. O roteiro estandarizado oferece também, em pesquisas de treinamento, a vantagem de exercitar o aluno para a disciplina profissional, fazendo com que êle fãcilmente perceba que a entrevista, enquanto via de conhecimento científico, corresponde a uma situação controlada e como o desvio das normas prescritas para sua realização pode resultar na introdução de erros nos resultados. Um roteiro estandarizado permite que se proponha em seus devidos termos os problemas de ajustamento entre pesquisador e informante, servindo como boa referência para se indicar a natureza dessas relações e os limites dentro dos quais elas devem se desenvolver. O roteiro projetado compõe-se quase todo de perguntas com alternativas fechadas para respostas. Isto apresenta a vantagem de, posteriormente, facilitar exercícos de codificação. Cuidou-se, entretanto, de deixar algumas perguntas em aberto, tendo em vista adestrar o aluno nas questões de classificação de respostas e dos recursos correntes para a definição das categorias a serem utilizadas.

De modo geral, o roteiro que foi utilizado não é de fácil aplicação; mas as complicações introduzidas resultam das exigências de treinamento. E' preciso que o aluno fique com uma visão completa dos procedimentos subjacentes à utilização de entrevistas e das possibilidades que esta abre como recurso de investigação social. Satisfazer a essas exigências em um só instrumento de trabalho, é transformá-lo necessariamente numa peça complexa. Isso, entretanto, não nos parece defeito grave quando os fins são de treinamento. Pelo con-

trário, um roteiro demasiado simples é menos produtivo na medida que solicita pouco do pesquisador. Uma entrevista que realmente exija a presença do aplicador, que mobilize sua imaginação e sua iniciativa (dentro dos limites previstos no planejamento) atinge melhor os objetivos de formação. Por êsse motivo, mesmo as perguntas com respostas fechadas não são simples e poucas vêzes aparecem com categorias dicotômicas do tipo sim e não. São conjuntos que exigem do entrevistador certo esforço para discernir nas respostas do informante -que freqüentemente considera o seu caso como impar e injustável às situações propostas no roteiro- os elementos que justificam sua inclusão numa ou noutra das categorias estabelecidas, ou, se realmente for o caso, para registrá-la como situação que escapa aos modelos previstos. Isso é útil principalmente como recurso de compensação para as inúmeras medidas de padronização do comportamento do entrevistador, submetido a um roteiro estandarizado e às repetidas exigências de estrita observância das instruções recebidas. Outra circunstância que se refletiu nas dificuldades de utilização do roteiro, e agora especialmente no que se refere à sua extensão, foi a necessidade de tornar clara a referência do instrumento de coleta de dados às diretrizes traçadas na fase de planejamento. Como a entrevista foi escolhida como recurso único de levantamento de materiais, foi preciso incluir nela tôdas as situações propostas nas hipóteses.

Essas contingências de treinamento acabam por introduzir elementos de artificialismo, que não correspondem às reais condições de trabalho profissional. O esforço de correspondência aos requisitos de ordem didática pode conduzir à construção de um roteiro que seria inadequado em situações normais de pesquisa e cujas características ultrapassam os limites daquilo que é operacionalmente possível. O roteiro aqui utilizado não escapa a esse defeito.

Segue-se o comentário da composição do roteiro de entrevista usado, tendo em vista sua referência às hipóteses propostas.

a) *Perguntas referidas à primeira hipótes:* — procuram apanhar as situações de vida do estudante no meio social em que vivia no interior. Procurou-se inicialmente determinar a posição social do estudante. Para isso, utilizou-se a renda da família e a condição de ócio ou trabalho do jovem (p. 1 e 2). Foram feitas também perguntas sôbre a

profissão dos pais e sobre a atitude dos amigos frente ao trabalho. mas tiveram que ser abandonadas por defeitos de construção. A determinação da posição social do jovem, quando ainda no interior, é fundamental no esquema que serviu de orientação na pesquisa. Foi a partir do status do estudante e das possíveis transformações estruturais em curso em sua cidade, que se propôs as condições determinantes de sua vinda para a Capital. A questão que se colocou foi a de saber se está ocorrendo uma alteração no sistema de status, gerando novas aspirações no grupo jovem e fazendo com que êle procure São Paulo a fim de conseguir o adexramento necessário para ocupar as novas posições. As informações sobre êsse tema (p. 3) visam revelar dois tipos de tendência:

- 1) O sistema de status não se altera (alternativas a e b). Casos em que as oportunidades tradicionais são consideradas satisfatórias e para as quais se julga que os conhecimentos já dominados ou as agências locais de adexramento são suficientes.
- 2) O sistema de status se altera e as exigências locais de adexramento são insuficientes (alternativas d, e, f). A instrução é encarada como o meio indispensável para garantir boas condições de vida.

Foram propostas também situações intermediárias: uma (alternância c), reflete certa tendência para a mobilidade, mas não considera a instrução como o correspondente instrumento de ascensão; outra, (alternância g), pelo contrário, revela antes uma certa estabilidade social, colocando a instrução como um alvo desejável, mas ainda nos termos tradicionais de uma *instrução para o lazer*.

As perguntas seguintes (p. 4, 5, 6 e 7) referem-se ao afrouxamento ou alterações dos padrões tradicionais de contrôle social. Sendo impossível cobrir todos os aspectos dêsse problema, considerou-se apenas as situações que giram em torno da saída do interior e da entrada para a Faculdade de Filosofia. Dêsse ponto de vista, as condições determinantes da escolha da profissão são muito importantes. Em relação a êsse ponto se procurou conhecer especialmente a influência de duas agências socializadoras: a família e a escola. Havia perguntas subseqüentes que tentavam apanhar as situações em que se observava e

em que não se verificava o afrouxamento; não foram aproveitadas porque essa questão dos controles, como se verá na apresentação dos resultados, precisou ser proposta em outros termos.

*b) Perguntas referidas à segunda hipótese:* — Visam informar sobre o grau de vinculação do jovem ao seu meio social de origem (p. 8), e focalizam situações que revelam satisfação ou descontentamento com as condições de vida no interior (p. 9). Apanham as variações das condições iniciais de ajustamento e adaptação, focalizando a freqüência e a duração dos contactos anteriores com São Paulo (p. 10) e distinguindo aqueles jovens que, ao se transferirem para cá contaram, ou não, com pontos de apoio em relações previamente estabelecidas, indagando-se também de composição e funcionamento desses grupos (p. 11, 12, 13, 14). Aprofundando as informações nesse sentido procurou-se apanhar a manutenção ou substituição do grupo inicial de relações e a composição dos novos grupos, afim de se verificar a maior ou menor integração ao meio social novo (p. 15 e 16). O que se deseja averiguar em seguida, é, se o estudante conseguiu uma acomodação satisfatória em São Paulo e como isto ocorre. Para isso se indaga sobre setores incluídos na 4a. hipótese e que receberam um tratamento sumário: alojamento, diversão e trabalho (p. 17 a 21). As perguntas sobre diversão foram abandonadas porque nada revelaram sobre o problema que nos interessa; quanto ao trabalho, conservou-se apenas uma, que especifica o meio de subsistência em São Paulo. O número de estudantes que trabalham é tão reduzido, que perderam o sentido as perguntas referentes ao seu ajustamento nesse campo. Nesse conjunto, procurou-se verificar se houve um prolongamento do mundo do interior, constituindo-se uma área social de transição entre o meio social de origem e o novo e se essa situação perdurou ou foi progressivamente se alterando. De outra parte, os jovens podem ter se integrado diretamente nos padrões de São Paulo e, nesse caso, se procura saber se isto ocorreu de maneira dramática ou seu atritos. Essas perguntas se referem à descoberta de uma rotina de vida em São Paulo.

Finalmente, se procurou conhecer a integração relativa do jovem, após um período de permanência na Capital. Se procurou verificar as ligações mantidas com o interior e a atitude definida em

relação ao ambiente social antigo, evidenciando com que frequência e intensidade participa dêle e da Capital (p. 22, 23, 24, 25).

c) *Perguntas referentes à terceira hipótese*: — referem-se às condições de ajustamento à Faculdade de Filosofia, aqui considerada como a unidade mais importante de estudo. Procuram apanhar os motivos que levam os jovens a nela ingressar (p. 26), a definição das relações com os colegas (p. 27 a 30), o papel desempenhado pelos órgãos institucionais do corpo discente (p. 31 a 38). As relações com colegas é um item que havia merecido atenção especial, tendo em vista observar a composição dos grupos primários de alunos, levando em conta fatores como a participação no mesmo curso, a inclusão na mesma classe, ou outros que possam limitar ou promover o estabelecimento de contactos. Pretendeu-se também coligir informações sobre a formação de “cliques”, sobre as técnicas de resolver os problemas comuns, seja em termos cooperativos, seja em termos competitivos. Essas perguntas foram abandonadas por defeitos de construção. Pelo mesmo motivo não foram aproveitados os dados sobre relações com professores e ajustamento às novas técnicas pedagógicas encontradas na escola superior. O último item compreende as informações para a identificação do informante (p. 39).

Concluído o primeiro projeto do roteiro de entrevista, êle foi testado, através de sua aplicação ao próprio grupo de pesquisadores que eram, inclusive, membros da população a ser estudada. Através dessa primeira aplicação, foram corrigidos os defeitos mais grosseiros. Aqui já se evidencia a precariedade desta investigação no que diz respeito à pesquisa de campo, fato que se tornará mais claro ao se discutir as condições de aplicação dos roteiros. Realmente, ao contrário da parte referente ao levantamento da documentação existente na Secretaria da Faculdade de Filosofia, que foi completa, todos os resultados da pesquisa de campo devem ser considerados como provisórios. A aplicação dos roteiros em escala mais ampla, como a que se realizou posteriormente, com a crítica cuidadosa a que foram submetidos, serviriam de base mais segura para uma reconstrução do roteiro. Essa segunda aplicação, como indicamos na parte anterior, levou à inutilização de várias perguntas inicialmente incluídas.

### 3) *As condições de aplicação dos roteiros de entrevista*

No início desta pesquisa se julgou, e esta foi mesmo uma das razões para a escolha do tema, que não teriam de ser enfrentadas dificuldades no estabelecimento de relações com informantes. Pensou-se que o problema tratado era do interesse da população estudada e que esta seria receptiva, dispondo-se facilmente a cooperar. De outra parte, tratando-se de estudantes universitários, supoz-se que estariam afastadas as barreiras que resultam da incompreensão do caráter científico das pesquisas sociais, ainda freqüentes em nosso meio, pouco habituado a esse tipo de investigações. Infelizmente essas expectativas não se realizaram. Houve recusas formais de participar nas entrevistas. Ocorreu mesmo caso -surpreendente dado o tema, inteiramente neutro e que não incluía item algum sobre assuntos habitualmente controvertidos, como política ou religião- de proibição por parte da família de um dos informantes. Houve ainda ameaças de rasgar o roteiro, ou de responder “tudo errado, na piada”. Quando houve cooperação, foi freqüentemente em termos de “coleguismo”. O informante se dispunha a responder apenas para ajudar o colega, que precisava apresentar o trabalho para obter nota.

A expectativa de contar com uma população que não ofereceria resistências sérias malogrou. É de se notar que foi nas secções de Letras que ocorreram os casos extremos de recusa, e foram os alunos das secções de Ciências que apresentaram maior receptividade e disciplina, respondendo com cuidado e precisão.

No que diz respeito aos pesquisadores, pode-se dizer que houve esforço no sentido de localizar os informantes e realizar as entrevistas. Entretanto, na medida em que se pode avaliar por situações esporádicas, que indiretamente chegaram ao conhecimento da direção da pesquisa, as instruções recebidas nem sempre foram seguidas. Isso ficou claro, também, na crítica e análise dos roteiros aplicados, quando se observou equívocos e inadequações que não poderiam ter sido cometidos pelos próprios entrevistadores. A despeito das exigências expressas no sentido do roteiro ser preenchido pelo pesquisador, ou em sua presença e com sua orientação, houve informantes que receberam o roteiro, preencheram-no a sós e depois o devolveram. Um dos meios projetados para o contrôle de realização das entrevistas, foi a folha de aplicação que, além de cumprir as funções normais

suplementação das informações, proporcionaria uma forma direta de avaliar o comportamento do pesquisador no decorrer da entrevista, mediante o exame do material por êle registrado. Essas fôlhas de aplicação foram, entretanto, pouco usadas.

Diante dessas considerações, vemos que a aplicação dos roteiros de entrevista não foi satisfatória, especialmente quando se tem em vista as possibilidades de aproveitamento dos resultados e não apenas os objetivos didáticos. Em segundo lugar não se pode garantir da homogeneidade das condições de aplicação, visto que as instruções que visavam justamente êsse efeito, não foram cumpridas com rigor. Nesses termos, portanto, os resultados obtidos em entrevistas não são seguros e as conclusões que permitem devem ser encaradas como indicações que podem funcionar como ponto de partida para estudos futuros.

Para a seleção da amostra, partiu-se das listas de alunos organizada anualmente pela Secretaria da Faculdade de Filosofia. Para 1955, essa lista foi organizada por Secções, sendo, os alunos que as compunham, relacionados por série do curso e por ordem alfabética. Acompanhando essa lista, e obedecendo à ordem nele estabelecida, foram separadas as fichas do levantamento geral, correspondentes aos alunos que iriam constituir objeto de investigação, conforme a classificação já estabelecida. Foram compostos assim dois grupos: o grupo de pesquisa, integrado pelos estudantes vindos do interior, e o grupo de contrôle, com alunos de São Paulo. Para cada um desses dois grupos, separadamente, foram selecionadas as unidades para a amostra, extraídas a intervalos regulares, de 2 em 2 alunos e de 5 em 5 alunos, respectivamente. Perfaziam assim grupos com 58 e 37 unidades.

Dessas unidades selecionadas para a amostra, entretanto, apenas 56 alunos do interior foram entrevistados. Com o término do ano letivo, não se chegou a realizar a aplicação no grupo de contrôle. Não foram entrevistados, também, os alunos que realizaram parte do curso secundário no interior e parte em São Paulo. Havia, inicialmente, a preocupação de incluí-los na amostra, afim de observar as diferenças no processo de ajustamento entre jovens que passaram diretamente de um meio social para outro e aquêles que estavam radicados há algum tempo no ambiente novo.

## OS PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA

### I — Introdução: Tendência Ideológicas no Ensino Superior Brasileiro.

São sensíveis para todos, as mudanças rápidas e globais que o Brasil atravessa, especialmente em suas áreas urbanizadas e industrializadas. Todo êsse processo ocorre de maneira desordenada, como resultado da própria situação em que nos encontramos, de passagem abrupta de uma sociedade restrita, formada pela justaposição de pequenos grupos homogêneos, para uma sociedade de massa, complexa e diferenciada. Apenas começa a ser ensaiada, em nosso meio, a modalidade de contrôle social compatível com o novo tipo de sociedade, isto é, o planejamento, e nos havemos ainda com sobrevivências dos padrões de organização das relações sociais peculiares à sociedade mais antiga, onde os ajustamento humanos preponderantemente no plano dos contactos primários. Entretanto, cada vez mais, as condições presentes têm obrigado a tentativas de regulamentação da vida social que escapem a soluções de curto alcance e dêsse modo têm levado a um esforço deliberado de ordenação e integração das instituições sociais.

Dessa instituições, as referentes à educação têm sido objeto de significativa atenção crítica e podemos dizer que existe, entre nós, uma tradição de pensamento educacional. Nesse acêrvo, nosso propósito é isolar as ideologias que vêm informando nossa política nesse campo, especialmente no que se refere ao ensino superior. Podemos distinguir dois modos principais de compreender as funções da educação no processo de renovação nacional e o significado das Universidades no Brasil. Os ideais defendidos pelos representantes dessas duas correntes têm se organizado em torno de dois polos: a ênfase na formação de elites ou o pêso na educação básica para o povo.

Já no Império, o debate educacional se propunha em termos muito semelhantes aos tuais, estando referido a êsses mesmos dois temas. Veja-se o trabalho de Roque Spencer Maciel de Barros *A Ilustração*

*Brasileira e a Idéia de Universidade* (6), de onde transcrevemos trecho sobre a polêmica, registrada nos anais do Senado, entre o conservador Paulino de Souza e o liberal Zacarias de Gois e Vasconcelos. Este último, “criticando, o projeto de criação de uma Universidade elaborado por aquêle dizia: ‘o povo deve saber ler, escrever e contar... Mas, se ainda não sabe ler, porque criar-se já uma Universidade? Isto é começar pelo fim, e não pelo princípio. O que é urgente é o ensino superior com todo o vigor’ (. . .) Paulino respondia, lembrando que ‘a instrução primária não é sólida num país senão quando a parte esclarecida da nação o quer, vê, compreende-lhe a utilidade e justiça; que o ‘ensino superior é a fonte do ensino primário’ e que ‘é a Universidade que faz a escola’. A instrução do povo é um efeito da alta cultura de certas classes”.

A análise moderna do sistema educacional brasileiro o tem caracterizado como seletivo e acadêmico (7). Tanto as escolas primárias como as de nível secundário não preenchem sua função de dar ao povo uma cultura básica ou uma preparação prática para a vida. Realizam, antes, os objetivos de um ensino propedêutico, de transmissão dos conhecimentos formais necessários para o ingresso nas escolas do nível seguinte. Acentuando êsses mecanismos seletivos presentes na orientação pedagógica, existem outros, de natureza organizatória: uma escola primária gratuita mas de reduzidas oportunidades, seguida de uma escola secundária paga que reforça a seleção e, finalmente, no ápice da pirâmide, o ensino superior gratuito, mas acessível para poucos. Essa estrutura tem sido interpretada como sendo resultado da operação dos mecanismos de defesa da classe dominante em decadência. Estaria com ela montado um sistema de educação de elite, para as classes altas empobrecidas, que tinham no ensino superior uma forma de conservar sua posição social. É necessário acrescentar ainda, que êsse sistema seletivo de educação, integrado numa estrutura de classes e num regime democrático, funcionou como um canal de ascensão social para as classes médias. Assim compreendido, o ensino

---

(6) — Roque Spencer Maciel de Barros, *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. Tese apresentada ao Concurso de Livre-Docência da Cadeira de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo. 1949.

(7) — Veja-se os trabalhos de Anísio Teixeira, especialmente *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1957.

superior brasileiro estaria realmente servindo a interesse das classes mais favorecidas. Partindo dessa crítica, a solução para os problemas educacionais brasileiros estaria em desenvolver “um sistema de formação do homem para os diferentes níveis da vida social. Mas com um vigoroso espírito de justiça, dando primeiro aos *muitos* aquêles mínimo de educação sem o qual a vida não terá significação nem poderá sequer ser decentemente vivida e, depois, aos *poucos*, a melhor educação possível (. . .) (8) De acôrdo com êsse ponto de vista, a ênfase recai pesadamente na necessidade de expansão de educação básica para todos e a prioridade é dada à educação popular primária.

A outra posição é a que vê nas universidade e na formação de elites as molas propulsoras do desenvolvimento do país e os instrumentos imprescindíveis para a defesa das instituições democráticas. O regime democrático “exige mais do que qualquer outro, uma educação de massa e, sobretudo, uma elite poderosamente impregnada dêsse sentimento de interêsse comum que resulta de uma alta cultura geral, como uma flor de civilização” (9). A tarefa de formação dêsse grupo cabe à Universidade, que é concebida como um conjunto de “escolas (. . .) prepostas a elevar ao mais alto nível os estudos para a preparação das elites de que necessitam as sociedades” (. . .) (10). Embora reconhecida a necessidade de não relegar as atividades de ordem técnica e profissional e de manter vivas as relações entre teoria e prática, entre pensamento e ação, o traço distintivo e essencial do ensino universitário é sua alta finalidade cultural. A um tipo de instituição universitária caberia fundamentalmente garantir a objetivação dêsses ideais: as Faculdades de Filosofia, que devem “se organizar para os estudos puramente teóricos que pairam numa esfera superior, estranha a quaisquer preocupações profissionais e cuja finalidade se dirige no sentido de criar uma atmosfera de pesquisa, de pensamento criador e espírito crítico, de cultura livre e desinteressada, em que a tôdas as preocupações utilitárias se sobrelevem a da pesquisa original e

---

(8) — Anísio Teixeira, “A Escola Brasileira e a Estabilidade Social”, in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n.º 67, p. 28.

(9) — Fernando de Azevedo, “Pioneiro de uma Política de Cultura”, in *As Universidades no Mundo de Amanhã*. São Paulo, Editôra Nacional, 1947, p. 48.

(10) — Fernando de Azevedo, *As Universidades no Mundo de Amanhã*, p. 20.

a do domínio, tão completo quanto possível, de uma especialidade no vasto campo dos conhecimentos humanos” (11).

Paralelamente a êsse ponto de vista forma-se, por assim dizer, uma concepção seletiva de cultura: “a ciência pura, como a cultura livre e desinteressada, que não se vulgariza, mas deve ser posta ao alcance dos raros homens vindos de tôdas as camadas e capazes de escalar essas alturas, sempre foi e será um produto de elite para uma elite, uma atividade superior e quase apostolar, para a qual muitos são os chamados e poucos os escolhidos, e cujos benefícios se devem estender em larga escala, mas cujos segredos e prazeres permanecem indevassáveis para a maioria dos indivíduos” (12).

Não se depreenda, da esquemática exposição que fizemos das duas posições fundamentais que podem ser isoladas no debate educacional, que não se atribua importância, numa delas, ao ensino superior e, na outra, à educação de base. O que as separa é a importância relativa que atribuem aos dois níveis do sistema educacional na preservação das instituições democráticas e no processo de desenvolvimento do país. De acôrdo com o primeiro ponto de vista apresentado, as esperanças de renovação não são maciçamente postas nas universidades e na formação de elites. A intervenção no sistema educacional é proposta diretamente nos níveis considerados mais importantes para a transformação do sistema social mais amplo, e o primordial é cuidar da formação básica do povo. Em coerência com êsse ponto de vista, o ensino superior precisa se libertar das características de uma ineficiente “educação para o lazer” e harmoniosamente se integrar no preparo de elementos produtivos para o país. E certamente, essa orientação não se coaduna com uma concepção de universidade, como a defendida no segundo ponto de vista, cujo módulo é a alta cultura neutra e desinteressada.

As duas teorias aqui expostas, que vêm fundamentando a política educacional brasileira, constituem formas bastante diferentes de tomar consciência desses problemas. Uma delas liga-se ao esforço de li-

---

(11) — Fernando de Azevedo, “Sob o fogo do combate”, in *As Universidades no Mundo de Amanhã*, p. 76. O trecho citado refere-se à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

(22) — Fernando de Azevedo, “Pioneiro de uma política de cultura”, in *As Universidades no mundo de amanhã*, p. 56.

bertar o país dos padrões tradicionais de organização e acompanhar o processo de transformação em curso, atuando no sentido de acelerá-lo e de cuidar que as mudanças introduzidas em determinado setor se harmonizem com as alterações que ocorrem em outras áreas do sistema social. Se caminhamos para uma sociedade urbana, industrializada e para uma democracia efetiva, é necessário que o sistema educacional atenda às correspondentes solicitações. A outra, apesar de igualmente visar o desenvolvimento pleno das potencialidades do país, representa mais a formalização, no plano ideológico, das próprias condições históricas e sociais em que a maior parte de nossas instituições de ensino superior surgiram e tiveram sua função definida. Com efeito, considerando-se o início dos anos trinta, época da fundação da Universidade de São Paulo, vemos que apenas se esboçavam os movimentos transformação hoje plenamente desencadeados. A vida transcorria quase inteiramente nos quadros de uma organização em que o poder se concentrava, em suas várias modalidades, e inclusive no que se refere às possibilidades de participação na cultura, numa parte restrita da população. De outro lado, não se fazia sentir ainda nenhuma parcela da pressão que atualmente as camadas populares já exercem e que constituem condição mesmo para o funcionamento normal de uma sociedade democrática. Dêsse modo, o pensamento renovador de então depositou suas esperanças na formação de elites, único canal julgado eficiente para a introdução de mudanças.

Essa perspectiva revela uma visão bastante realista das condições de existência na época, tendo então exercido um papel verdadeiramente criador. Sua persistência como orientadora das atividades universitárias é hoje, entretanto, discutível. Nesta três décadas, e especialmente na última, as condições de vida se alteraram fundamentalmente. Segundo tudo indica, a atenção precisa ser deslocada, no que se refere à vida universitária, da formação de pequenos grupos altamente qualificados, para os problemas de adestramento em larga escala.

A proposição dos termos em que se coloca entre nós a controvérsia educacional é necessária para tratar de algumas questões referentes à Faculdade de Filosofia, escola que encontra na própria encruzilhada dêsse debate. Em seu Regulamento, suas finalidades são definidas tendo em vista o preparo de intelectuais para o exercício de altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica, a reali-

zação de pesquisas e o preparo de candidatos ao magistério. Entretanto, tôda a ênfase, pelo menos no plano ideológico, tem sido posta nas atividades desinteressadas, visto que ela inicialmente foi, e continua ainda hoje a ser, concebida como “uma instituição que deve organizar-se cada vez mais com o fim de preparar à carreira das letras e das ciências, por meio de estudos desinteressados do mais alto nível possível, sem qualquer idéia de aplicação (...) (13)”.

Acompanhando as transformações da vida social, a Faculdade de Filosofia vem se afastando das intenções com que inicialmente surgiu e que a representavam como a própria objetivação do ideal de conhecimento pelo conhecimento, puro e desinteressado. Essa instituição apresenta hoje sinais marcados de mudança, que estão promovendo a dissociação entre as funções sociais que atualmente exerce e os valôres que foram no passado definidos como motivos para sua existência. A possibilidade de preservação dêsse ideais, ou a necessidade de revê-los, por fôrça de sua inconsistência com a realidade social presente, será o tema das discussões seguintes.

## II — A composição dos alunos da Faculdade de Filosofia.

O estudo de algumas características da clientela da Faculdade de Filosofia poderá abrir algumas vias para o conhecimento das funções que ela vem exercendo e para a reflexão sôbre os objetivos que lhe são atribuídos e a orientação que vem seguindo, tendo em vista as transformações do meio social e as novas exigências que está sendo chamada a cumprir.

Para o exame da composição dos alunos da Faculdade de Filosofia, nosso ponto de partida é a constatação de que no Estado de São Paulo ocorre um processo de transformação de estilo de vida que está levando ao afastamento progressivo dos padrões tradicionais e à sua substituição por padrões urbanos. De acôrdo com o estabelecido no projeto de pesquisa, nossa preocupação inicial será a de tomar por referência êsse fenômeno de mudança social e estudar a proviniência do aluno da Faculdade de Filosofia. Esse estudo esta-

---

(13) — Fernando de Azevedo, “Ainda uma vez convocado”, in *As Universidades no Mundo de Amanhã*, op. cit., p. 97.

rá referido às quatro áreas definidas de acôrdo com os critérios apresentados no mesmo projeto e que refletem, em diferentes graus, o processo de transformação que está nos interessando: a cidade de São Paulo, e as Zonas Velha, de Transição e Nova.

Dos 490 alunos que em 1955 ingressaram na Faculdade de Filosofia, aproximadamente 50% são nascidos no interior do Estado de São Paulo. Se excluirmos os alunos originários de outros estados do Brasil e de países estrangeiros e restringirmos a comparação entre Capital e Interior, veremos que o número dos que provém desta última área ultrapasa o dos paulistanos, representando 60% do total. Com essa primeira observação geral, podemos dizer que a Faculdade de Filosofia serve, em larga medida, a uma clientela originária do interior.

Não existem dados que permitam conhecer a composição da população da cidade de São Paulo, do ponto de vista do local de proveniência. Apenas sabemos, de modo pouco seguro, que o crescimento da Capital se fez, entre outras fontes, a custa do interior. Dêsse modo, a conclusão que acima apresentamos em parte se explicaria pelo fato de que a própria população paulistana inclui um número elevado de pessoas originárias do interior, não indicando assim, uma diferença relevante de interêsse pela Faculdade de Filosofia, por parte dos jovens de uma ou de outra dessas áreas. Entretanto, a idade da população em estudo se concentra entre 17 e 23 anos: 75% se encontra dentro dêsses limites (Ver Tabela I). Isso significa que a grande parte dos alunos nascidos no interior, que porventura estejam radicados em São Paulo, o estão por período que atinjam no máximo o espaço de uma geração. Esse é um período de tempo demasiado curto para que se opere no grupo familiar -ao qual, em nossa sociedade o imaturo se encontra bastante vinculado- uma transformação radical no estilo de vida e uma revisão no conjunto de valôres e atitudes subjacentes às decisões tomadas e às escolhas feitas. É inegável que o jovem, numa cidade como São Paulo, está exposto à influência de outras agências socializadoras, que promovem a adoção de comportamentos e pontos de vista conformes com os môdelos metropolitanos. Entretanto, não é senão vagarosamente que são atingidos setôres fundamentais como a escolha e o exercício de uma profissão.

Na consideração dos alunos provenientes do interior, é preciso definir, para as três áreas a que já nos referimos, as diferenças sócio-culturais que interessam para este trabalho.

Os padrões tradicionais de vida em São Paulo conheceram os primeiros fatores de perturbação séria, com a introdução da agricultura comercial, com o cultivo do café. Esse cultivo assumiu formas diversas na área compreendida pela Zona Velha, tendo sido acompanhado de diferentes modalidades de organização social e de estilo de vida. No “norte”, na zona paulista do Vale do Paraíba, revestiu-se das características de uma organização de tipo patrimonial, com base na grande propriedade rural auto-suficiente, no trabalho escravo e na dominação de um senhor. Predominaram, nessa sociedade, as forças estabilizadoras da ordem social, agindo no sentido da preservação do estilo tradicional de vida. Na área do “oeste” paulista, assumiu a forma de um empreendimento capitalista, fundando-se no trabalho livre e em grande parte satisfazendo os requisitos de racionalização da produção e da circulação de mercadorias. Essas condições propiciaram uma mudança social no sentido de delinear uma incipiente estrutura de classes e um crescimento urbano.

Em que pesem as diferenças radicais que do ponto de vista social e econômico estão contidas nesse esquema, o que interessa para os fins deste trabalho é que: 1) ambas as regiões passaram por uma fase de expansão baseada na monocultura de um produto de exportação que, chegando a uma fase crítica, provocou o empobrecimento da região; 2) verificou-se, em tôdas as duas, um período de transição para novas formas de atividade econômica, em geral pouco compensadoras; 3) conhecem elas, no momento, uma nova expansão, seja pelo sucesso em organizar as atividades da fase intermediária de acordo com técnicas modernas, seja pela implantação da indústria; 4) o empobrecimento transitório gerou uma retração nas oportunidades de trabalho dessa população, relegando as camadas superiores e médias à manutenção de suas propriedades improdutivas, a um comércio de reduzidas possibilidades, às funções administrativas e bancárias, ao exercício das profissões liberais; 5) esses efeitos ainda se fazem sentir, mas estão se atenuando com o desenvolvimento industrial e o crescimento urbano.

A zona de transição e a zona nova podem ser consideradas homogêneas para os fins dêste trabalho, na medida em que as condições nelas vigentes se contrapõem à situação descrita para a zona velha. Não passaram elas uma longa fase de empobrecimento mas, de modo geral, uma vez abertas conheceram sempre um movimento de expansão. As ofertas de trabalho não apenas são suficientes para suprir a população local de suas habituais ocupações, mas ainda, criam novas oportunidades que excedem mesmo o volume de mão de obra disponível. Nelas, a estrutura social é ainda flutuante, não se cristalizando nitidamente uma diferenciação social.

Nessas condições, não se coloca para os jovens das regiões mais novas, com a mesma insistência que para os jovens das regiões velhas, o problema da disponibilidade. Especialmente, as oportunidades de trabalho não estão hierarquizadas com clareza, nem está bem definida uma estratificação social, resultando daí uma amplitude bastante grande nos limites de aceitação das ocupações, consideradas satisfatórias por uma gama muito grande de pessoas. Para os jovens das regiões velhas, são pequenas as oportunidades imediatas de trabalho em que sejam solicitadas apenas qualidades pessoais ou adstramento informal e que estejam cercadas do prestígio aspirado pelas classes mais elevadas. O preparo acadêmico surge, assim, como uma solução que permite ou preservar a posição ocupada ou ascender na escala social e que é, ademais, reforçada com a ideologia desenvolvida pela geração atingida pela crise, no sentido de que é preciso dotar os filhos de uma profissão que os garanta nas situações adversas.

Os dados referentes à distribuição dos alunos, de acôrdo com as áreas de origem, parecem fundamentar essa inferência. Com efeito, dos alunos nascidos no interior, 65% são provenientes da zona velha. Se considerarmos que as condições que descrevemos conjuntamente para a zona de transição e a zona nova aparecem de forma mais acentuada nesta última e menos sensível na primeira, região já parcialmente atingida pela crise das lavouras cafeeiras e onde já se se fazem sentir os efeitos da diferenciação e estabilização social no mercado de emprêgo, os nossos dados tornam-se mais inteligíveis. Realmente, dos restantes 35%, aproximadamente 2/3 provém da zona de transição. (Ver Tabela I)

Constatada a regularidade de uma gradação decrescente no contingente de alunos fornecido à Faculdade de Filosofia, quando passamos das zonas mais antigas para as mais novas, é preciso considerar que a população da zona velha é muito maior que a das outras duas, representando 50% da população total do interior do estado e que, assim, o volume de população seria, em larga medida, o responsável pelo maior número de alunos dela provindos. Entretanto, não se mantém na zona de transição e na zona nova, a mesma relação entre volume de população e contingente de alunos delas provenientes: a população da zona nova é maior que a da zona de transição, por uma margem que não é desprezível no total formado pelas duas áreas.

Zona	População	% de alunos
Velha	3.216.000	65
Transição	1.372.000	23
Nova	1.914.000	12

Fonte — IBGE, Censo de 1950

O ponto que nos interessa é que, de fato, a clientela da Faculdade de Filosofia é constituída por um número grande de jovens originários da zona Velha, onde a regressão econômica, associada à estabilidade social, estaria definindo em grande parte a busca de instrução superior. De outro lado, é preciso considerar, que é justamente nessa zona que se intensifica o processo de urbanização e industrialização. Apenas a título de ilustração dêsse fato, apresentamos as diferenças de concentração da população nas cidades e vilas e na área rural, para as três zonas aqui consideradas:

	Zona Velha	Zona Transição	Zona Nova
População de cidades	1.345.000	427.000	395.000
População de vilas	100.000	37.000	66.000
População rural	1.771.000	908.000	1.450.000
Total	3.216.000	1.372.000	1.911.000

Fonte — IBGE, Censo de 1950

São conhecidas as transformações de estrutura social que êsse processo acarreta e, o que especialmente interessa aqui, as altera-

ções que introduz no sistema de status. Se isto ocorre, era de se esperar que novas aspirações surgissem no grupo jovem, levando-o a procurar as instituições aptas a fornecer o adestramento necessário para que possam satisfatoriamente ser cumpridos os papéis inerentes às novas posições surgidas. Dessa forma, as condições que atrás apresentamos e que dizem respeito às ameaças de disponibilidade e à necessidade de profissionalização não seriam responsáveis, tão decisivamente, pelo número de alunos que procuram instrução superior, em nosso caso, na Faculdade de Filosofia. O processo de mudança para uma sociedade urbana industrializada poderia conduzir ao mesmo resultado, inclusive, mais acentuadamente.

Se esta última alternativa é verdadeira, a procura de adestramento deverá se concentrar nas especialidades que têm ligação com a tecnologia científica, exigência do novo tipo de civilização. O interesse dos alunos vindos do interior revela-se muito maior pelas secções ligadas às humanidades que às ciências. A informações referentes à diferença de interesse manifestada por êsses dois tipos de conhecimento tornam-se mais significativas quando comparamos a distribuição, segundo as secções em que ingressaram, dos alunos do interior e da capital.

	alunos nascidos no interior e que fizeram todo o curso secundário no interior.			alunos nascidos na Capital e que fizeram todo o curso secundário na Capital.		
	homens	mulheres	totais	homens	mulheres	totais
Humanidades	25	47	72	26	50	76
Ciências	32	16	48	47	26	73

incluidos apenas os alunos que realizaram todo o curso secundário, 1.º e 2.º ciclo, no interior ou na Capital, para fins de contróle do período de permanência em condições sociais diferentes.

Nesse quadro vemos que: 1) no grupo de alunos da Capital se mantém equilibrado o interesse pelas secções de ciências e de humanidades, enquanto que no interior a escolha recai, em proporção mais elevada, nas secções de humanidades; 2) seja no interior, seja na

Capital, nota-se um interêsse maior das mulheres pelas humanidades e dos homens pelas ciências. Entretanto, no interior, o traço dominante é mulheres que escolhem humanidades, e na Capital essa característica é equilibrada pelo número de homens e por sua escolha, concentrada nas ciências. Quando isolamos a zona velha, as tendências observadas para o interior todo aparecem um pouco atenuadas.

Desse modo, o número de mulheres é acentuadamente maior nas secções de humanidades a parecem em maior proporção no grupo proveniente do interior que no de origem paulistana. Em nossa sociedade o grupo feminino dificilmente espaca das normas e comportamentos prescritos pela tradição e seu universo raras vezes ultrapassa os limites doméstico. Apenas em meios sociais que estão sendo sacudidos por processos de mudança é a mulher freqüentemente posta frente a contingência do trabalho remunerado obrigatório ou é levada a tomar consciência e resolver através dêle seus problemas financeiros ou de auto-realização. Entretanto, entre nós existem alguns setôres profissionais que têm sido regularmente suprido por elementos femininos e, dêesses, o magistério é o mais importante. Ensinar constitui atividade feminina sancionada pela tradição, havendo em relação a ela menor carga de preconceitos do que os que cercam outras ocupações que o mundo urbano moderno vem confiando preferencialmente a mulheres.

Com essas considerações podemos compreender em dois sentidos os dados sôbre a predominância de mulheres que vêm do interior e escolhem humanidades. De um lado, êles refletem uma alteração na posição social da mulher, na medida em que se cogita de instruí-la ou dotá-la de uma eventual habilitação profissional, proporcionando-lhe uma relativa desvinculação do grupo familiar. Mas as limitações dessa inferência aparecem quando pensamos no caráter tradicional do magistério feminino. Elas tornam-se mais evidentes quando lembramos que a escôlha das jovens incide especialmente nas secções de humanidades, cujas disciplinas têm estado ligadas às atividades tradicionais femininas e, o que é mais importante, ao estilo tradicional de pensamento brasileiro. Assim, a procura da Faculdade de Filosofia não implica numa substancial mudança dos perfis femininos, man-

tendo-se, as expectativas quanto ao adestramento das jovens, ainda bem próximas do tradicionalmente previsto.

Conforme vimos, as diferenças sócio-culturais observáveis nas três zonas definem o volume dos contingentes de alunos fornecidos à Faculdade de Filosofia. Na determinação do número de jovens que procuram essa instituição, entram em jogo, em parte fatores resultantes da implantação de uma civilização urbana e industrial e também os ligados ao estilo tradicional de vida. Parece mesmo haver um maior pêso dêstes últimos. Afim de observarmos melhor a importância dos elementos tradicionais, passaremos a considerar a atitude dos jovens e de suas famílias frente à instrução superior.

Nas entrevistas realizadas aparece muito marcadamente a difusão da atitude que considera necessária a instrução superior. Perguntou-se sobre as situações mais freqüentes no grupo de amigos do aluno, quando ainda se encontravam no interior, no que se refere às perspectivas de carreira e aos meios julgados eficientes para chegar ao sucesso. As respostas obtidas concentram-se nitidamente em torno do reconhecimento, seja pelos jovens, seja por suas famílias, da necessidade de possuir um diploma superior afim de obter boas oportunidades de trabalho e conseguir condições satisfatórias de vida. (Ver Tabela IV).

Com êsse resultado poderíamos ser levados a supor que a decisão de entrar para a Faculdade de Filosofia estaria sendo primordialmente definida pela exigência de profissionalização. Entretanto, as respostas para a pergunta que indaga diretamente sobre os motivos de ingresso na Faculdade de Filosofia parecem reduzir a importância dêsse fator na escolha dos jovens. Nessas respostas, a aspiração por adestramento profissional aparece associada com insistência muito grande ao desejo de estudo desinteressado. (Ver Tabela XI).

A grande incidência em temas como “adquirir cultura geral” e fundamentar ideais de vida” podem correr por conta, conforme observa Hutchinson (14), “de um simples tributo verbal a valores antiquados conquanto familiares (. . .)”. Esse ponto merece, porém, atenção mais demorada.

---

(14) — Bertram Hutchinson e outros, *Mobilidade e Trabalho*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP, Ministério de Educação e Cultura, 1960, pp. 185-186.

É bastante complicado o problema da formação, na cultura ocidental, do ideal de conhecimento neutro e desinteressado, que foi cultivado nas sociedades aristocráticas do passado em relação às disciplinas humanísticas, e reelaborado pela burguesia racionalista com o desenvolvimento das ciências. Faltaram no Brasil, as condições e os estímulos sociais para a difusão do pensamento científico e as humanidades cotinuararam a absorver os esforços da intelectualidade brasileira. Não obstante, entre nós, ao estilo tradicional de pensamento, sobrepuzaram-se os ideais ventilados pela civilização liberal, reforçando-se as várias modalidades de aprêço pelo conhecimento em si. Para os fins dêste trabalho, basta assinalar a ligação entre camadas mais elevadas da sociedade e a concepção de cultura desinteressada e apontar que êsses valôres estão associados, entre nós, ao cultivo das humanidades.

Nesses têrmos, os dados sôbre o interêsse manifestado pelos alunos em torno do “conhecimento pelo conhecimento” ganham uma nova dimensão quando considerados em relação a informações sôbre a posição social do aluno. A renda da família dos jovens indica seguramente que a maior parte deles provém das camadas médias para cima. (Ver Tabela III) ↓

Se sabemos que os valôres acima referidos são, embora convencionalmente, aceitos no meio social de que o aluno provém, não podemos menosprezar o papel que desempenham na definição intelectual e profissional do jovem. Ademais, essa valorização dos conhecimentos não destinados a fornecer uma orientação prática para a vida, é reforçada pelo tipo de experiência a que o aluno é submetido no curso secundário, com seus currículos enciclopédicos e o estilo formal de transmissão de conhecimentos. No sistema educacional, os valôres a que nos referimos foram cristalizados e fundamentam a orientação pedagógica vigente, passando nesse nível a exercer uma pressão sistemática sôbre o jovem.

Falamos em valôres convencionalmente aceitos pelo meio social. É bem verdade, as condições competitivas cada vez mais prementes em nossa sociedade fazem com que especialmente os elementos masculinos não orientem por êles sua ação e procurem um adestramento que os habilite mais efetivamente na luta pela sobrevivência. Mas o apreço generalizado por conhecimentos que não visam fins

imediatos pesam nas decisões e representações dos alunos que se dirigem para a Faculdade de Filosofia e nem sempre favorecem um ajustamento satisfatório do jovem às reais situações de vida que deverá enfrentar no futuro.

Nossas observações nos levam a concluir que o apêlo para ingresso na Faculdade de Filosofia é maior nos setôres da população que se encontram mais ligados ao estilo tradicional de vida e de pensamento. De outra parte, circulam e são aceitos sem crítica, os valores presentes nos esterótipos sôbre a Faculdade de Filosofia, ligados ao aprêço pelos conhecimentos desinteressados.

Estabelecemos, anteriormente, a ligação entre os valores que têm fortalecido a Faculdade de Filosofia e a ideologia educacional que desista as esperanças de renovação nacional na formação de elites e defende uma concepção de universidade cujo módulo é a alta cultura desinteressada. Contrapondo-se a êsse ponto de vista apontamos um outro, que dá prioridade à educação de base e insiste na necessidade do ensino superior se libertar das características de uma educação para o lazer e se integrar no preparo de elementos produtivos para o país.

De outro lado, observamos que os alunos da Faculdade de Filosofia provém, em grande parte, dos setôres da população que se encontram mais ligados ao estilo tradicional de vida e de pensamento. Mais da metade da clientela da Faculdade de Filosofia é originária do interior, onde não vigoram, na mesma extensão que na Capital, os padrões urbanos modernos. Os contingentes fornecidos à Faculdade de Filosofia são maiores nas zonas mais velhas e menores nas mais novas. Essa variação liga-se às condições de desenvolvimento sócio-econômico observando nessas áreas: nas zonas velhas, o empobrecimento, gerando uma retração nas oportunidades de trabalho, a existência de uma hierarquização clara de ocupações associada a uma estratificação social bem definida, conduzirám à necessidade de profissionalização das classes mais elevadas ou em processo de ascensão social. Entretanto, a consciência da necessidade de adestramento profissional deve em parte ser compreendida com um resultado do processo de mudança social. Esse feito pode ser percebido a partir do número ligeiramente maior de pessoas que nas zonas velhas, onde tem se intensificado o processo de urbanização e industrialização, pro-

curam as secções ligadas à tecnologia científica e também através do equilíbrio que se verifica na Capital quanto à escolha das secções de humanidades e de ciências. Uma evidência do pêso das forças tradicionais na composição da clientela da Faculdade de Filosofia aparece quando observamos que no interior do Estado, o apêlo para ingresso nessa instituição se aglutina em torno das secções de humanidades e converge para a parte feminina da população. Ademais, o recrutamento se faz preferencialmente nas camadas altas da população e está em grande parte ligado à idéia, por parte dos jovens e de suas famílias, de que a instrução superior representa uma garantia de vida e um instrumento para manter a posição ou ascender na escala social. Ao lado do reconhecimento da necessidade de qualificação profissional, surge com insistência a concepção de que o adestramento que a Faculdade de Filosofia oferece constitui uma via para alcançar refinamentos culturais mais ou menos gratuitos.

É inegável que a “Faculdade de Filosofia constitui uma experiência educacional bem sucedida” (15). Mas é inegável também, que êsse mesmo sucesso gerou numerosas dificuldades, agudamente sentidas por seus professôres e alunos (16). A principal questão a ser considerada é que essa instituição cresce aceleradamente. Para que se tenha idéia do ritmo de sua expansão, basta considerar que em 1937 havia 68 candidatos ao concurso de habilitação; em 1947, 215 e em 1959, 2.020. Nesses mesmos anos, contavam-se 268, 540 e 2.711 alunos, respectivamente inscritos em seus cursos (17). Note-se que êsse aumento não se fez de modo homogêneo. No primeiro período, o número de candidatos ao vestibular triplicou e o de alunos inscritos duplicou; no segundo período, que coincide com a fase de desenvolvimento que estamos atravessando, o número de candidatos ao vestibular tornou-se dez vezes maior e o de alunos, cinco vezes.

---

(15) e (16) — Ver, a êsse respeito, o *Relatório sôbre as necessidades urgentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. Florestan Fernandes (presidente e relator da comissão Erasmo Garcia Mendes e Walter Schutzer (membros da comissão). Também, *Necessidades e Problemas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. Florestan Fernandes (relator) e Eduardo de Oliveira França (coordenador). 1959.

(17) — *Necessidades e Problemas da Faculdade de Filosofia*, op. cit. (gráficos).

Diante dêsse fato, o problema que se coloca é o de saber se a Faculdade de Filosofia deve se manter na linha que vem seguindo e assim continuar correspondendo predominantemente às necessidades que estão ligadas ao estilo tradicional de vida, ou se, pelo contrário, deve aparelhar-se para ultrapassar êsses limites e integrar-se mais decisivamente no esforço de transformação do país. Na medida em que ela continuar se organizando para fins exclusivos do preparo de professores e de intelectuais de alto nível, ela terá reduzidas suas possibilidades de participar efetivamente na elaboração de uma nova forma de vida. Para um desenvolvimento criador da Faculdade de Filosofia, nesse sentido, impõe-se uma exploração mais completa de suas potencialidades.

Parece bastante claro que uma escola das proporções acima indicadas, com cerca de 3.000 alunos, dificilmente pode permanecer uma agência de elite e se destinar primordialmente a altos estudos desinteressados. É bem verdade que a despeito das ideologias sôbre a Faculdade de Filosofia, ela irá se transformando no sentido de se ajustar às reais necessidades da vida social. Mas não é menos verdade que a sobrevivência de valôres mais ou menos obsoletos dificultam o funcionamento da instituição.

Vejam, primeiramente, da perspectiva do aluno. Ficando presa ao antigo esquema, a escola falha para uma grande parte dêles. Basta pensar, por exemplo, que os jovens que ingressam na Faculdade de Filosofia já incorporaram, no meio social de que provêm, embora convencionalmente, e também no curso secundário, o apreço pelos conhecimentos “puros”. Uma vez na Faculdade de Filosofia, o aluno é ensinado a encará-los como o supremo ideal a ser perseguido. Na realidade, porém, não pode encontrar condições mínimas para sua realização, pois as oportunidades de carreira intelectual de tipo acadêmico são muito limitadas e apenas uma diminuta parcela pode ser absorvida pelos quadros de pesquisa ou docência superior. Apesar da incorporação daquêles valôres, o aluno, vivendo numa sociedade basicamente competitiva, tem de se preocupar com as oportunidades de trabalho que lhe serão abertas após o curso. E o resultado é que jovens bem dotados, que não se destinam ao magistério secundário, pouco compensador, tornam-se seguramente candidatos ao desajustamento e à insatisfação. Não é raro o aluno que se pergunta: “Se

não há lugar para mim na Universidade, que fazer? Essa pergunta -quando considerada em termos de uma coletividade de jovens e quando se tem em vista as necessidades da nação- representa a consequência de uma deformação vocacional. Estamos em presença de uma ambigua e paradoxal situação, que é a de uma massa de alunos cultivados para a realização de um ideal necessariamente seletivo. E' flagrante a perda que uma tal prática acarreta. Nas atuais condições de desenvolvimento do país, o aproveitamento de técnicos qualificados -categoria para a qual poderia ser canalizada boa parte dos alunos- não constitui problema. Entretanto, em lugar da preocupação em formar adequadamente a grande maioria para tarefas que estão a exigir pessoal numeroso e apto, cuida-se especialmente de selecionar uns poucos para a vida acadêmica.

Com isto, chegamos a um outro aspecto da questão. Tem sido observado que as carreiras acessíveis aos licenciados são mal remuneradas. Esse fato constituiu um "hadicap" nos anos passados, quando a única oportunidade de trabalho para os formados por Faculdade de Filosofia, fora das atividades acadêmicas, era o magistério secundário, onde, à baixa recompensa monetária se somava um prestígio limitado. Progressivamente, e com maior intensidade nos últimos anos, essa situação se modificou. Hoje, são várias as ocupações oferecidas aos diferentes tipos de técnicos que virtualmente a Faculdade de Filosofia pode formar. Mais ainda, são ocupações com remuneração bastante compensadora, visto que as condições sociais que propiciaram seu aparecimento são recentes e as ofertas de emprego ainda excedem as disponibilidades de mão de obra.

Diante disso, vemos como a Faculdade de Filosofia, ficando fiel aos antigos ideais falha também em corresponder as exigências do meio social, onde surge, em número sempre maior, a solicitação por novos tipos de profissionais que nenhuma das outras escolas da Universidade pode satisfazer. É necessário que a Faculdade de Filosofia venha a se aparelhar para atender adequadamente essas exigências que são função das novas condições de vida. Esse "desvio" de objetivos já vem informalmente sendo feito. Para exemplificarmos apenas com a secção de ciências sociais, que conhecemos mais de perto, é grande a procura por técnicos que não se enquadram em nenhuma das categorias que a Faculdade de Filosofia expressamente forma. Em

verdade, é nos escritórios de pesquisa de mercado e opinião pública, nos setores de relações industriais das empresas privadas, nos órgãos técnicos de planejamento e racionalização da administração pública, que os licenciados em ciências sociais têm mais frequentemente encontrado colocação. O resultado é que áreas cada vez mais amplas do mercado de trabalho, que já vem funcionando como válvula de escape para os licenciados em Faculdade de Filosofia e que poderiam cair de maneira sistemática em sua esfera de controle, são supridas com pessoal improvisado.

As várias “instituições técnicas” da Universidade têm suas atividades bastante limitadas pela natureza das profissões a que servem e cujo exercício está, as mais vezes, regido por dispositivos legais. Isso conduz a uma inevitável cristalização das funções exercidas por essas escolas no meio social. A Faculdade de Filosofia, justamente por não estar presa ao adestramento de um único tipo de profissional é uma organização muito sensível às transformações da sociedade. Esse vínculo estreito e direto com a vida social pode ser aproveitado como um recurso muito positivo para a expansão da Faculdade de Filosofia e para que ela venha a desempenhar um papel criador em nossa situação presente. Partindo dessa sensibilidade para as novas condições sociais e reconhecendo “status acadêmico” para as ocupações delas derivadas, a Faculdade de Filosofia poderia revestir-se, nas seções em que isto vem se revelando necessário, de uma estrutura suficientemente plástica para resolver adequadamente o problema de formação profissional diferenciada.

Não é apenas quanto à formação e aproveitamento dos alunos e para corresponder às exigências do moderno mercado de trabalho que a manutenção de relações estreitas com a vida social é importante para o desenvolvimento da Faculdade de Filosofia. Muito diretamente afetado pelo incentivo ou pela ruptura dessas ligações é, modernamente, o progresso científico. Restringi-mo-nos, novamente aqui, ao campo das ciências sociais. O desenvolvimento nelas observado nas últimas décadas não resulta de uma atitude “desinteressada e pura”, do “saber pelo saber”, mas provém, diretamente, da necessidade de aplicação. É hoje ponto pacífico a importância da aplicação para o desenvolvimento teórico das ciências sociais. De outro lado, é apenas na medida em que efetivamente contribuir

para a solução dos problemas surgidos na sociedade moderna, que esta irá colocando à sua disposição o volume de recursos necessários para investigações de vulto, possibilitando a formação de grandes organizações de pesquisa, que requerem pessoal e equipamento dispendiosos. Apenas mantendo vivas as ligações com o meio social, podem as ciências sociais numa instituição universitária alargar seus horizontes e libertar-se das contingências da simples transmissão de conhecimentos e da produção individual.

O fato decisivo é que a Faculdade de Filosofia deixou de ser uma instituição de elite, que pode sobreviver isolada do acontecer social. A menos que sejam revistos os antigos valores e ideais e elevados ao nível de consciência e discussão crítica os novos fins sociais a que ela já vem informalmente atendendo, não poderá ser convenientemente aparelhada para um papel criador na sociedade. Essas considerações propõe a necessidade de se refletir sobre uma remodelação de estrutura, nas secções em que isto possível, que permita à Faculdade de Filosofia realizar convenientemente os seus múltiplos objetivos: uma estrutura que favoreça a formação do magistério secundário, de um variado número de profissionais que já vem adestrando marginalmente, e a real expansão da pesquisa científica.

### III — O Ajustamento do Aluno Vindo do Interior

Conforme já ficou assinalado na parte anterior, as diferenças sócio-culturais observáveis nas zonas Velha, de Transição e Nova, definem o volume dos contingentes de alunos fornecidos por cada uma delas à Faculdade de Filosofia. É das zonas velhas que provêm o maior número de jovens. Em parte, o reconhecimento da necessidade de profissionalização seria um resultado da transformação do sistema de status e papéis sociais (considerado em relação à estrutura ocupacional) e estaria ligado ao desaparecimento ou à retração das posições anteriormente ocupadas pelas camadas altas e à sua substituição por outras, que exigem educação formal e que passaram a ser alvo das aspirações dessas camadas sociais. Entretanto, êsse reconhecimento aparece difundido de modo uniforme nas três zonas consideradas. Em tôdas elas, as respostas obtidas se concentram nas alternativas que evidenciam a atitude, por parte dos jovens e de suas fa-

mílias, de considerar a instrução superior como necessária para conseguir bons emprêgos e boas condições de vida. Foram assinaladas em número de vezes muito menor, as alternativas que revelavam satisfação com as oportunidades tradicionais de trabalho, para as quais as agências locais de adestramento seriam suficientes (Tabela IV).

Mas, como já vimos, o reconhecimento da necessidade de qualificação profissional não resulta, unicamente, desse processo de transformação. Aparece ligado, também, a sobrevivências de antigos valores próprios ao estilo tradicional de vida e de pensamento. A aceitação desses valores não apresenta diferenças nas três zonas. Quando se perguntou ao aluno “Porque você resolveu entrar para a Faculdade de Filosofia”, a grande maioria das respostas associou adestramento profissional a estudos de caráter desinteressado (Tabela XI).

Essas dimensões -condições sociais que conduzem à profissionalização e representação e valores aos quais estão ligadas são fundamentais para o processo que estamos considerando. De fato, a nossa preocupação é com jovens que apresentam mobilidade em resposta a essas condições e a esses valores e representações. Se nessas características básicas os jovens que se deslocam do interior para São Paulo em busca de instrução superior revelam uma identidade bastante grande, é o caso de refletirmos se, nos outros componentes do processo eles não se encontram em situação análoga. Em outras palavras, nos parece oportuno indagar se esses jovens que se dirigem para a Faculdade de Filosofia não têm um “background” sócio-cultural homogêneo, a despeito das diferenças consideráveis existentes, dêse ponto de vista, em suas regiões de origem.

Seguindo essa orientação, torna-se preciso redefinir um dos nossos pontos de partida, aquêle que se refere à existência de diferenças no processo de ajustamento, advindas de variações entre os meios sociais de origem e de chegada. É essa hipótese que nos levou à tentativa de subdividir o estado em áreas, supondo que os estudantes vindos de meios sociais semelhantes ao de São Paulo encontrariam maior facilidade de ajustamento e os provenientes de meios sociais diferentes encontrariam maior dificuldade. Essa suposição envolve a hipótese mais geral de que as características do sistema social em cada uma das áreas consideradas em sua unidade e peculiaridade, isto é, a

forma específica assumida pela estrutura social em combinação com determinados conteúdos culturais, seriam responsáveis pelas diferenças de comportamento porventura observados entre os estudantes e pela sua receptividade ou atitude negativa frente ao novo ambiente.

A maior ou menor complicação do sistema social e da cultura faz com que estejam presentes, em graus variáveis, os tipos de condicionamentos sociais que estamos considerando nesta pesquisa e que um número também variável de pessoas caíam sob sua influência, incorporando os ideais correspondentes e por êles orientando sua ação. Assim, conforme vimos, difere, de área para área, o volume de jovens que tomam a decisão de se dirigir para um meio estranho em busca de instrução superior. Entretanto, aquêles que tomam essa decisão o fazem por motivos idênticos, que independem das condições de seu ambiente sócio-cultural. Se isto acontece, é preciso indagar a que setor da vida social estão mais especificamente ligados êsses motivos e aspirações que definem para os jovens os objetivos de aquisição de uma qualificação profissional.

Tem sido demonstrado na literatura sociológica, por várias formas, que em sociedades complexas diferem, de grupo para grupo, as modalidades de participação na vida social e na cultura, ocorrendo a apropriação preferencial de determinados setores por determinadas camadas. A partir dessa constatação, pode-se estabelecer a ligação provável entre os motivos e os fins propostos pelo jovem que procura a Faculdade de Filosofia e a camada social a que pertencem, devendo esta ser tomada como unidade de referência. De acôrdo com os dados coligidos êsses alunos têm posição social análoga, provindo na maioria das classes médias para cima. Cerca de 40% dêles declara renda familiar entre Cr\$ 20.000,00 e Cr\$ 50.000,00, sendo mesmo que 5% declara renda acima de Cr\$ 50.000,00. Para que se tenha um termo de comparação, é bom lembrar que o salário mínimo em 1955 era, em São Paulo, cerca de Cr\$ 2.000,00. Corroborando essa afirmação, que pode parecer estranha a alguns, o fato de cerca de 80% dos alunos não trabalharem quando ainda se encontravam no interior e cerca de 60% dêles ter, como meio de subsistência em São Paulo, unicamente mesada da família (Ver Tabela II).

É na semelhança de condições sociais, que desfrutam pelo fato de serem membros de uma determinada camada social, e não nas diferenças gerais de seu ambiente sócio-cultural, que deve ser posta a ênfase para a compreensão do comportamento revelado nas novas condições de vida, enfrentadas em São Paulo.

Poderíamos dizer que todos êsses jovens que sentem a necessidade de instrução superior e que gozam de condições sócio-econômicas favoráveis para tornar efetiva essa aspiração, já são, pelo menos virtualmente, participantes de um novo tipo de sociedade, aquela em que as relações sociais estão definidas basicamente pelos agrupamentos profissionais, na forma em que ocorre nas sociedades urbanas. Essa relativa desvinculação da sociedade tradicional e essa potencialidade de integração em um outro tipo de civilização se evidencia quando observamos a atitude dêsses jovens em relação ao interior.

Quando se perguntou se êles desejavam ou não sair de sua cidade, as respostas revelam um desligamento, se bem que não uma rejeição completa, do ambiente em que viviam. Cêrca de 70% dos alunos disseram que gostavam do interior, mas não encaravam com desagrado a vinda para São Paulo (Ver Tabela VI). Essa situação fica mais clara, quando consideramos os motivos que o aluno tinha para vir e para não vir para São Paulo. Foram assinaladas com freqüência muito maior as alternativas que propõem novamente temas já tratados em outra parte: a necessidade de instrução superior para conseguir boas oportunidades de trabalho (a mais assinalada), o desejo “gratuito” de instrução (segunda mais assinalada) e finalmente a que revela insatisfação com as condições de vida no interior, representando, a vinda para São Paulo, uma forma de escapar a uma rotina acanhada, sem distrações nem atrativos (terceira mais assinalada) (Ver Tabela VI). Os motivos para não vir foram escolhidos um número muito menor de vezes. Completa êsse quadro, a circunstância de quase nenhum aluno declarar ter vindo para São Paulo a contragosto.

Uma vez estabelecidos em São Paulo, e decorrido um certo período de tempo (as entrevistas foram realizadas um ano depois da vinda para São Paulo), êsse processo de desvinculação tende a se acentuar (Ver ainda, Tabela VI). A família de 90% dos entrevistados permaneceu no interior. Não obstante, varia muito a freqüência

com que os jovens retornam às suas cidades. Divide-se em proporções equivalentes os que vão tôdas as semanas, os que vão todos os meses, e os que o fazem apenas nas férias. Mesmo no caso dos jovens que voltam semanalmente, a atitude manifestada em relação ao interior é restritiva; é menor o número dos que “esperam ansiosamente tôdas as ocasiões de ir para o interior”, do que daquêles que “gostam de ir, mas apenas para estar em casa, com a família”. Os alunos que declaram contactos menos freqüentes (idas mensais ou nas férias), combinam essas duas alternativas, que têm conteúdos favoráveis ou moderadamente negativos, com o outro tipo de resposta, que implica em rejeição bem mais completa, ou seja, no reconhecimento de inexistência de afinidades com pessoas do interior e na impossibilidade de conviver com elas.

Ainda uma evidência de que as influências de classe são as mais importantes, é que, o mais das vezes, não há incompatibilidade entre o ponto de vista do jovem e o de sua família. Os ideais e objetivos definidos pelos jovens, que representam um grupo ainda sem compromissos com a ordem social vigente e receptivo a inovações, poderiam estar ligados a estímulos alinígenas e corresponder a padrões de conduta não sancionados pelos adultos. Não é isto o que ocorre. Também a família dos jovens, apesar de seguramente mais integrada que êles ao estilo tradicional de vida, participa plenamente de sua opinião. Pode-se mesmo afirmar que a atitude dos jovens resulta da influência da família, embora não haja consciência disso por parte dêles, mas até, pelo contrário, aparecer a afirmação de independência nas decisões tomadas. À pergunta de quais os motivos mais importantes na escolha da carreira, as respostas recaem, com maior freqüência, na alternativa que não reconhece ligação alguma com a família e que os atribuem a uma vocação espontânea. Entretanto, cerca de metade dos alunos declara ter recorrido a consêlhos antes de tomar sua decisão. Nesses consêlhos, a família ocupa um lugar mais importante que outras instituições; um número menor declara, por exemplo, ter ouvido professôres (Ver Tabela V).

Esses últimos dados sugerem que, se o jovem logra sair do interior e vir para São Paulo em busca de instrução, não é unicamente porque os padrões tradicionais de contrôle social, dos quais a família

faz parte, estejam se afrouxando. Sem dúvida, êsses contrôles seriam de molde a manter um certo tipo de vida do qual esteve, até há pouco, excluída a necessidade de instrução formal e nessa medida se exerceriam no sentido de prender o jovem à família e ao interior e de opor obstáculos à sua saída. Mas não é isso o que ocorre; a principal agência na decisão de afastá-lo do interior é a própria família (Ver Tabela V). As alternativas da pergunta sôbre os motivos que a família teria para opor obstáculos à vinda do jovem, incluem tôdas representações que acentuam as diferenças entre o estilo tradicional e as condições de vida numa cidade grande. Essas alternativas pouco foram assinaladas. Essa constatação ganha importância quando nos lembramos que são principalmente moças que vêm do interior para a Faculdade de Filosofia, em relação às quais os contrôles familiares se exercem com maior efetividade. Não se poderia dizer que a saída dos jovens represente uma situação fundamentalmente nova, que escape às modalidades de contrôle social existentes e que a possibilidade dêles de desligarem de seu ambiente original se deva ao fato da eficácia dessas técnicas já estar comprometida. Parece haver, no caso que estamos considerando, uma identificação entre as condições de vida em função das quais êsses contrôles se exercem -as situações tradicionais- e a profissionalização e busca de instrução superior, objetivo que as famílias dos alunos incorporaram em seu horizonte. Nos casos observados, não há tentativas para impedir que o jovem venha para São Paulo. Cerca de 80% dos entrevistados declara que suas famílias “aprovaram plenamente a decisão, não opondo obstáculo algum”. Entre os motivos apresentados para essa aprovação os mais freqüentes são “identidade de pontos de vista entre pais e filhos” e “confiança nos propósitos do filho”.

Os dados apresentados mostram que existe realmente, por parte dos alunos, uma desvinculação inicial em relação ao meio antigo, que se acentua posteriormente. Mas ao mesmo tempo, não existe incompatibilidade entre os padrões sócio-culturais tradicionais e os ideais e objetivos que orientam a ação do jovem e de suas famílias no sentido da busca de qualificação profissional, apesar destes resultarem em parte, de necessidades provenientes de mudanças sociais. Dêsse modo, o que parece importar para a definição do tipo e do curso

do processo de ajustamento não é o fato de estarem em jogo dois ambientes sócio-culturais diferentes, dos quais o agente participa sucessivamente e cujas disparidades o colocam numa situação de marginalidade e de choque inevitáveis. Mais decisivas que a diversidade dos meios sócio-culturais quando considerados em sua totalidade, são as semelhanças partilhadas pela condição de membros de uma determinada camada social. A proveniência das classes altas; a participação num conjunto de valores e ideais (reconhecimento da importância da qualificação profissional e valorização da instrução); a existência de condições propícias para sua objetivação (contrôles familiares se exercendo em sentido favorável e condições econômicas adequadas), é que condicionam a mobilidade e preparam para uma acomodação rápida e pouco penosa às novas situações a serem enfrentadas. Essas condições criam uma atmosfera de aceitação daquilo que for necessário para atingir aos fins visados. Com efeito, a grande maioria dos alunos declara que as dificuldades inicialmente sentidas “foram superadas e que hoje vivem agradavelmente em São Paulo”; uma parte diminuta deles reconhece que “subsistem, mas se conformaram com elas e as aceitam como males necessários”.

A essa disposição de acomodar-se a situações que são inevitáveis para atingir os objetivos propostos, deve-se acrescentar as facilidades de comunicação hoje existentes entre tôdas as cidades do Estado de São Paulo. É êsse mais um elemento de aproximação, que vem se somar às semelhanças de “background” sócio-cultural e levar o processo de ajustamento a se desenvolver num mesmo sentido. O meio em que o estudante passou a residir não era estranho a êle. Todos os entrevistados acusam contactos anteriores com São Paulo (Tabela VII). São estadias temporárias, de apenas alguns dias, mas que, na maioria dos casos, ocorrem várias vezes no ano (Tabela VII). Todos, com duas únicas exceções, declaram ter relações anteriores com pessoas residentes em São Paulo (Tabela VII). Essas relações, na maioria das vezes, são com pessoas que têm alguma ligação com o grupo primário a que o aluno pertencia no interior; ou são parentes que moram em São Paulo, ou são conhecidos do interior, vindos há pouco tempo. É reduzido o número de relações com pessoas “de São Paulo mesmo”. Todos, com poucas exceções declaram, também ter

procurado entrar em contacto com êsses conhecidos, os quais tiveram papel relevante na fase inicial de sua estadia, principalmente na constituição de um primeiro grupo de convivência e na acomodação às condições materiais de vida. Não obstante as relações com êsse grupo inicial terem sido mantidas, elas foram, quase sempre, acrescentadas por novas amizades (Tabela IX). Êsse outro ambiente social não se achava mais dominantemente prêso ao grupo original: compunha-se, em proporções equivalentes, de pessoas de São Paulo e do interior. A constituição de uma área social de transição, formada durante o estágio inicial de permanência na Capital e composta especialmente por pessoas ligadas ao meio social de origem, (Tabela VII 2a. nota), teve papel de relativa importância, funcionando como cabeça de ponte para a integração em São Paulo. Mas as novas amizades, que somaram-se às antigas, foram feitas de preferência na Faculdade de Filosofia, (Tabela IX, nota) entrando em jogo, portanto, para o estabelecimento dêsses contactos, fatores puramente casuais, que não implicam em nenhuma ligação com o grupo primário de origem. A êsse respeito interessa observar que nas perguntas sôbre as visitas realizadas a pessoas conhecidas, na fase inicial de sua estadia, o alunos declaram uma freqüência muito menor à casa de colegas da Faculdade que à casa de parentes e outros amigos. Decorrido o ano que mediou entre sua entrada para a Faculdade e a realização das entrevistas, a freqüência das visitas se distribui uniformemente entre essas três categorias de pessoas (Tabela IX). Na apreciação da maior ou menor facilidade de aproximação a colegas do interior e de São Paulo, as opiniões se dividem em proporções iguais: a metade dos entrevistados considera ter sido mais fácil fazer relações com colegas do interior; a outra metade considera igualmente fácil a aproximação a uns ou outros. Dos alunos que declaram ter sido inicialmente mais fácil fazer amizades com colegas do interior, a metade modificou, posteriormente, sua opinião (Tabela XII).

O ajustamento dos jovens vindos do interior para São Paulo ocorreu, pelo menos nos setôres considerados neste estudo, de modo rápido e pouco dramático. No que diz respeito às condições materiais de existência, o comportamento dêles não revela problemas graves de adaptação. Chegando a São Paulo, cerca da metade alojou-se em casas de pessoas com quem haviam mantido relações anteriormente

(amigos e principalmente parentes); a outra metade alojou-se em “locais públicos” (pensões, pensionatos, quartos em casas de famílias estranhas, instituições como a casa da universitária ou do estudante, etc.). Ambos êsses grupos revelam estabilidade, o que pode ser considerado como um sinal de acomodação satisfatória às condições de moradia. Registram-se poucas mudanças; a grande maioria declara não ter se mudado, ou mudado apenas uma vez (Tabela VIII). O motivo mais alegado para mudança, quando esta ocorreu, não implicava em manifestações de desagrado em relação às características próprias do local de alojamento, mas no desejo de morar próximo à Faculdade de Filosofia. Êsses dados parecem indicar que as condições materiais de vida têm importância secundária no processo de ajustamento. Tanto os que fixaram residência com parentes, como os que se alojaram em locais públicos (forçosamente em condições bem diferentes do “modus vivendi” anterior, com a família) revelam a mesma capacidade de acomodação.

A Faculdade de Filosofia funciona como um meio positivo para o ajustamento do jovem vindo do interior. Como acontecia em relação à sociedade mais ampla, os estudantes já tinham ligações anteriores com essa instituição (Tabela XII). Não entraram para ela como perfeitos estranhos. A grande maioria dêles declara conhecer anteriormente colegas que já a estavam cursando. Êsses colegas desempenharam um papel positivo, tanto no que se refere à ambientação no meio social mais amplo, quanto propriamente aos problemas internos à Faculdade de Filosofia (estudo, relações com professores, etc.). Poucos alunos declaram que êsses conhecimentos prévios não valeram para coisa nenhuma (Tabela XII, nota).

As relações estabelecidas na Faculdade de Filosofia tendem a se estender a todos os setores da vida social. Mais ou menos 70% dos entrevistados declara ter ligação com os colegas fora da Faculdade (Tabela XII). Essa instituição é a que fornece o setor fundamental, o centro de referência em torno do qual os alunos constroem sua vida social. A grande parte dêles frequenta-a fora do período de aulas e para atividades que não dizem respeito, unicamente, a estudos (Tabela XIII). O Grêmio desempenha um papel de importância menor do que aquela que seria de se esperar. Boa parte dos alunos pertencem a seus quadros sociais, mas apenas a metade dêles cos-

tuma freqüentar a sede (aqui é preciso lembrar que, entre os entrevistados, há alunos de secções localizadas longe da sede). O objetivo dos que a freqüentam é principalmente, “encontrar os amigos e bater papo” e “fazer hora”. Dentre êsses que freqüentam a sede, a maior parte costuma ir aos bailes, mas muito poucos se utilizam ou contribuem para os vários Departamentos do Grêmio, e em número menor ainda, participam de sua política. A pequena parte que diz participar da vida política declara também que “apenas vota”. De acôrdo com os dados de que dispomos, o significado do Grêmio para os alunos se resume às diversões: as respostas o representam como uma agência que lhes proporcionou um lugar para passar horas agradáveis, a oportunidade para travar conhecimentos e o ensejo para distrações. Dentro dos limites permitidos pelos dados disponíveis, não pudemos perceber a atribuição de nenhum sentido político ou de órgão de defesa dos alunos. Isto, entretanto, pode estar ligado ao tipo de formulação das perguntas feitas nas entrevistas.

No que diz respeito aos problemas de estudo, os obstáculos parecem ter sido maiores. Grande parte aponta dificuldade iniciais, que dizem respeito tanto aos problemas de acompanhar as aulas, quanto de organizar trabalhos e exames de acôrdo com os padrões exigidos, quanto de se habituar ao uso de bibliografias. Essas dificuldade, entretanto, podem não estar ligadas às condições de ensino próprias ao interior do Estado, mas sim, às condições de ensino no curso secundário de um modo geral e, nessa medida, seriam sentidas por todos os alunos, independentemente de sua procedência. Seja como for, entretanto, a maior parte dos alunos afirma que elas se atenuaram; uma boa parte diz mesmo que elas foram superadas.

A precariedade das condições de realização das entrevistas já foi indicada. Na apresentação de seus resultados, seria arriscado qualquer tentativa de sistematização quantitativa dos dados. Fomos obrigados a limitar-nos a avaliações grosseiras que oscilam entre “a maioria”, “um número reduzido de vezes”, “com a maior freqüência”, “uma parcela reduzida”, “muitos”, “poucos”, e assim por diante. Apenas em alguns casos, quando houve uma concentração muito significativa das informações, recorremos a uma expressão percentual. Entretanto, julgamos que nossas considerações aqui valem provisória-

mente e a título exploratório. De acôrdo com elas, pensamos ter proposto:

1) A importância do sistema de valores incorporados pela camada social de que os alunos provém, não apenas na decisão de se deslocar para São Paulo em busca de instrução e de qualificação profissional, mas também na definição das características assumidas pelo processo de ajustamento às novas condições de vida. O principal fator de acomodação, em parte independe das condições gerais existentes nos dois ambiente sócio-culturais em jogo; é a partir das semelhanças de aspirações, de condições objetivas favoráveis para sua efetivação, partilhadas pelos jovens e suas famílias, que devemos procurar compreender a conduta verificada em São Paulo e na Faculdade de Filosofia.

2) É inegável que o desejo de profissionalização é resultado de mudanças sociais. Se os jovens e suas famílias reconhecem sua necessidade, é porque em parte já foram atingidos por influências próprias ao novo tipo de civilização e, dêsse modo os estudantes estariam favoravelmente equipados para se ajustar a um meio social onde elas aparecem mais intensamente. Entretanto, a incorporação dêsse novos ideais e dos comportamentos correspondentes se faz por superposição aos padrões tradicionais, sem choque, pois nestes últimos está envolvida a valorização da instrução superior. Famílias que talvez não admitissem a introdução de outras inovações, encorajam, entretanto, a desvinculação do jovem, no caso aqui considerado.

3) A essas condições favoráveis associam-se outras, resultantes das facilidades de comunicação. Os contactos múltiplos e freqüentes com o novo ambiente social contribuem para o conhecimento prévio das situações a serem vividas e para o estabelecimento de relações que tendem a facilitar o processo de acomodação.

4) Nessas condições, o ajustamento do jovem a São Paulo se faz sem grandes dificuldades. Nas áreas que pudemos observar, não há problemas sérios, seja quanto à integração ao sistema de relações sociais, seja quanto à adaptação às condições materiais de vida (18).

---

(18) — Nos seminários sôbre sociologia do trabalho, realizados em 1961 na Faculdade de Filosofia, com a participação do prof. Alain Tourraine foram relatados alguns resultados de pesquisas sôbre mobilidade em grupos de operários franceses, não se observando choque quando de sua passagem de um meio social para outro.

5) Como estamos especialmente interessados na Faculdade de Filosofia, convém ressaltar que ela constitui uma agência importante no processo de ajustamento, funcionando como um fator positivo para a integração do jovem ao novo ambiente social.

Marginalmente a êsses resultados, gostaríamos de apontar algumas conseqüências de ordem mais geral, que podem ser inferidas a partir dêles. Conforme vimos, faz parte da ideologia das classes altas no Brasil, a convicção de que as boas oportunidades de trabalho e os meios de manter a posição ou de ascender socialmente estão ligadas à educação superior. Não resta dúvida que a partir da desagregação da sociedade senhorial, a instrução superior tem sido necessária para a aquisição ou a manutenção de prestígio. De outra parte, no Brasil, realmente, êsse tipo de educação é acessível apenas às classes mais elevadas. Nelas, aos ideais que valorizam a instrução superior, se alia a apropriação quase que exclusiva das condições objetivas para realizá-los. Essa situação contribui de modo seguro para a manutenção da estabilidade da estrutura social e dos conteúdos culturais a ela associados. Essa constatação se reforça, quando lembramos que os valores e comportamentos associados à instrução superior e à profissionalização estão identificados com as duas gerações aqui consideradas: pais e filhos. Provavelmente transmitidos à geração seguinte, se mantidas inalteradas os demais setôres da vida social, êles se propagarão como elementos estabilizadores (19).

---

(19) — Sôbre os sistemas de valores em diferentes classes e o seu significado tendo em vista a mobilidade social e a estabilidade da estrutura, ver H. Hyman, "The value systems of different classes: a social psychological contribution to the analysis of stratification", in Bendix e Lipset (ed.), *Class, Status and Power*. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1954.



## APÊNDICE

### I

#### REFLEXÕES SOBRE O TREINAMENTO DE PESQUISADORES EM SOCIOLOGIA

De um modo geral pode-se distinguir, no acervo teórico de uma disciplina científica, duas ordens de conhecimento: aquêles que constituem o conjunto de resultados substantivos sobre seu objeto e aquêles que dizem respeito aos métodos de investigação e interpretação. Já tem sido observado que na Sociologia ocorreu um desenvolvimento diversificado e nem sempre harmonioso em ambas essas áreas. As diferenças de condições históricas e sociais e as peculiaridades do ambiente intelectual dos centros em que se moldaram as principais correntes sociológicas, nos fins do século passado e inícios destes, não era de molde a permitir o desenvolvimento unívoco de uma ciência que, por lado, achava-se ineludivelmente ligada — pela própria natureza de seu objeto — a ideais políticos e representações ideológicas, com toda a carga decorrente para a definição de sua problemática, a formulação das grandes hipóteses diretrizes e a elaboração das sínteses interpretativas, e que por outro — encontrando-se ainda em fase de constituição — apenas tímidamente se desprendia de suas raízes filosóficas, incorporando, sem uma crítica eficiente, suas implicações quanto à natureza e às possibilidades do conhecimento científico, aos fundamentos dos métodos utilizados e à validade dos resultados obtidos.

Dêsse modo deparamos, dentro da mesma disciplina científica, com uma variedade de “orientações” que derivam de concepções por vezes divergentes sobre a realidade social e sobre os meios adequados à sua penetração e que resultam em outros tantos sistemas independentes de conhecimento.

As evidências dessa observação não precisam ser procuradas na distinção entre as “sociologias” americana e européia, cujos sentidos estão nitidamente marcados pelo conjunto de elementos diferenciadores ligados ao caráter mais pragmático da primeira e mais acadêmico da segunda. Basta lembrar as divergências dificilmente conciliáveis que podem ser discernidas na obra de dois clássicos de profunda repercussão no pensamento sociológico contemporâneo, Durkheim e Weber (1), cujas proposições fundamentais norteiam duas correntes que, no presente, gosam, nos meios especializados, de condições iguais de aceitação e validade: o esquema funcionalista e a tentativa de formulação de uma teoria geral da ação.

Além das dificuldades ligadas à independência dos esquemas interpretativos, a sociologia tem sido, também, adversamente atingida pelo desequilíbrio originado da ênfase nos amplos problemas metodológicos, importantes principalmente para as etapas iniciais e finais da investigação — planejamento e interpretação — em detrimento das fases intermediárias de levantamento e ordenação das informações. É evidente com que gravidade fica comprometido o significado dos sistemas conceptuais e dos procedimentos analíticos, por mais refinados, dos mecanismos de inferência e dos testes comparativos, por mais rigorosos, e das explicações e generalizações, por mais sofisticadas, quando não existem garantias, ou quando não se podem aferir, da precisão e validade dos dados sobre os quais tôda a construção intelectual se ergueu.

Esse esbôço é suficiente para que se perceba os tropeços a que está sujeito o profissional da Sociologia, não tanto no que diz respeito a seus próprios trabalhos, onde afinal lhe sobra o recurso construtivo de adotar uma acomodação provisória, mas principalmente no que se refere à tarefa de transmitir conhecimentos.

## I I

Nestes trabalhos nos interessa a transmissão de conhecimentos sociológicos na forma mais indicada para o adestramento de pesquisadores, entendendo-se aqui êste termo em sentido bastante amplo, de

---

(1) — Cf. Florestan Fernandes — Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica — São Paulo, Comp. Editôra Nacional, 1959. Parte II, cap IV e V.

modo a abranger todos os níveis de diferenciação de funções envolvidos no processo de investigação.

No plano da formação teórica do pesquisador, apenas duas soluções se apresentam. Uma, é escolher determinada posição, que forneça o fio condutor para o tratamento dos vários problemas e apresentar as contribuições em termos de seu significado e importância a partir daquela perspectiva. Ela oferece, sem dúvida, a vantagem de dar ao aluno uma visão coerente — em especial quando se leva em conta a formação recebida na escola secundária, de tipo informativo e memorialista e que resulta em desorientação total quando se faz necessário o exercício da reflexão — mas é, por sua própria natureza, unilateral e pobre. Ela se justifica, talvez, nos casos em que a sociologia é utilizada como elemento subsidiário na formação de pessoal que se destina a outras especialidades, uma vez que aí se torna inevitável um caráter sumário e se faz imprescindível a acentuação dos resultados que sejam significativos para a atividade central. O outro caminho, é o que procura familiarizar o aluno com as principais orientações existentes na sociologia e que tenta, através da própria descoberta das divergências, criar e desenvolver nêle um poder crítico. Dentro de nossos hábitos educacionais, essa via raramente atinge seus alvos; entretanto, por esporádicos que sejam os sucessos alcançados e por seletivos que sejam seus resultados, não parece difícil reconhecer que seja a mais legítima. E isto especialmente quando se trata, e é o que nos interessa aqui, do preparo de profissionais de sociologia — técnicos e cientistas. Sem dúvida, essa solução não escapa também à arguição de fragmentária e incompleta, dadas as condições de nosso ensino universitário, com seus currículos pesados, o acúmulo de formalidades de exames e notas e os períodos letivos demasiado curtos, que não permitem a concentração no trabalho e um rendimento apreciável do aluno. Entretanto, para que essas dificuldades se reduzam às proporções adequadas, basta uma observação de bom senso: a transmissão formal e sistemática de conhecimentos visa dar ao aluno apenas as coordenadas mais gerais que o tornarão apto a ingressar na vida profissional; é somente esta que oferece as condições para o acrescentamento da formação básica, no processo lento e penoso de redução das experiências em maturidade.

Nas soluções de ensino da parte teórica da sociologia não se pode escapar de um caráter precário e tentativo — (que se evidencia, por exemplo, na instabilidade dos currículos sempre que ocorra uma alteração básica de pessoal docente) — resultado da própria riqueza do patrimônio acumulado, hoje em franca expansão, mas que segue ainda, como antes, desarticulado. Entretanto, apesar de tudo, essas funções acabam por ser razoavelmente preenchidas, por causa da tradição acadêmica, em grande parte herdada dos europeus, que incorporamos, e que define para os grupos docentes e discente um determinado padrão de trabalho, orientado para o estímulo da produção independente e da contribuição original, valores que favorecem um ajustamento bom ao quadro vário dos conhecimentos sociológicos dando sentido à ação do professor e levando-o a acentuar as peculiaridades das várias terias e despertando no aluno o interesse e a curiosidade por elas.

### I I I

Quando se chega à formação técnica do pesquisador, os problemas são, de um lado, relativamente simples, graças ao estágio de desenvolvimento logrado nesse setor, e de outro bastante complicados, dada a organização de nossas instituições universitárias, o conjunto de valores e padrões nelas vigentes e as condições gerais de nosso meio, onde o reconhecimento das ciências sociais é ainda pequeno, sendo em consequência também reduzidos os recursos postos à sua disposição.

É do passado a negligência pelos procedimentos técnicos. Observa-se hoje uma insistência muito grande na formalização e tratamento dessa ordem de questões, em oposição ao tácido desconhecimento que anteriormente as cercava.

A concepção de conhecimento científico, definida em termos de saber puro e desinteressado e projetando a um nível de abstração muito elevado o resultado das investigações (1), não constituía meio propício ao desenvolvimento de preocupações de ordem técnica. A atenção de sociólogo fixava-se na solução de problemas metodológicos ou em empreendimentos definidos em termos largos, como as

---

(1) — Ver a esse respeito Florestan Fernandes, Sociologia, Verbete da Enciclopédia Delta, Publicação restrita da Faculdade de Filosofia da U.S.P.

tentativas de caracterizar os tipos estruturais fundamentais, ou de explicar a gênese e operação dos processos responsáveis pela configuração do mundo ocidental moderno, ou as tendências globais de transformação nele observadas. A própria amplitude dos termos em que são construídas essas sínteses, neutraliza as possibilidades de introdução, ou torna mínima a magnitude, do erro que resultaria do tratamento técnico grosseiro dos materiais empíricos. Para o caráter de generalidade de que se revestem, é suficiente procedimentos pouco refinados de fundamentação empírica das inferências, não se colocando as exigências de precisão, nem aproximadamente, nos termos em que se apresentam hoje, quando se procura engrenhar, por exemplo, possibilidades de calcular e corrigir os erros introduzidos no longo e complicado processo de transformação dos dados brutos em proposições cientificamente significativas.

Entretanto, quando o recurso de compreender ou explicar situações em termos de esquemas gerais, compatíveis com a visão acadêmica de aproveitamento mais ou menos longínquo dos resultados da ciência, se torna inoperante; quando fica exposta a necessidade de dar soluções específicas a problemas concretamente enfrentados pela sociedade e a aplicação de conhecimentos aparece como o objetivo próximo e claramente definido, então o apuro técnico se impõe. Nesse momento surgem dificuldades que, ou não haviam sido sentidas, ou não eram consideradas obstáculos para se lograr um conhecimento científico — dificuldades que só se resolverão no nível da técnica e que giram em torno da descoberta de formas de descrição que sejam fidedignas e válidas e de recursos analíticos que permitam o isolamento e especificação dos componentes do fenômeno e de suas relações no grau de rigor e precisão requeridos para a garantia de sucesso no momento de efetivamente introduzir modificações na realidade.

Como um dos resultados da aproximação de teoria e prática — entre outras conseqüências de ordem mais geral e de amplo alcance para as ciências sociais —, se faz sentir a necessidade de aperfeiçoar o processo intermediário entre uma e outra a êsse esforço marca muito decisivamente o sentido da contribuição das ciências sociais na atualidade. Acumulam-se os trabalhos especializados em técnicas de coleta e análise de matérias; espaços cada vez maiores são reservados nos manuais para êsse tema; nos trabalhos de pesquisa firma-se o cri-

tério de apresentar cuidadosamente os procedimentos utilizados e, em função deles, discutir a validade e precisão dos resultados conseguidos. Crescerão as publicações de exame e crítica das operações empregadas nos estudos de maior vulto e repercussão. Novos procedimentos vêm sendo elaborados e outros, já tradicionalmente explorados, são também revistos e aperfeiçoados, organizando-se desse modo um conjunto de princípios que definem de modo muito nítido um padrão do que é bom e do que é mau, nesse campo.

A existência desse padrão, a unidade de sistematização observada nesse setor simplificam sobremaneira, é evidente, as tarefas didáticas. Em condições ideais de trabalho a transmissão desse tipo de conhecimentos não ofereceria dificuldades.

É preciso, porém, refletir na formação técnica de pesquisadores nas condições em que ela se realiza em nosso meio, bem distantes das ideais.

O impedimento mais evidente e mais exasperantemente sentido é a escassez de recursos. Não há equipamentos, não há pessoal suficiente para uma atenção próxima e contante ao aluno, não há facilidade de material, nem disponibilidade alguma para despesas com viagem, documentação, etc. A longo prazo, esse obstáculo é o menos grave de todos e a própria transformação de nosso meio social se encarregará de resolvê-la, a medida em que as ciências sociais podem resolver — no plano econômico, governamental, educacional — e à medida em que seus profissionais foram emprestando colaboração positiva, alterando-se assim o status dessas disciplinas no consenso geral.

Outra dificuldade liga-se justamente aos problemas resultantes dessa transformação, que já toma impulso, de nosso meio e que se reflete no enorme aumento de interesse pela Seção de Ciências Sociais — 200 candidatos inscritos nos vestibulares de 1959 300 inscritos nos de 1961, na Faculdade de Filosofia, U. S. P. — apesar dessa procura não estar ainda orientada por nenhuma aspiração ou expectativa definida em relação aos ensinamentos do curso ou às oportunidades profissionais por ele abertas (1).

---

(1) — Cf. respostas a um pequeno inquérito realizado junto aos candidatos inscritos nos vestibulares em 1959, na Faculdade de Filosofia da U.S.P.

São cada vez mais numerosos entre nós, os canais de absorção dos quadros formados pelas ciências sociais. Isto pode ser constatado, na falta de informações mais precisas, através da freqüente procura de alunos para participar — quase sempre como entrevistadores — em várias modalidades de pesquisa. Este último movimento era, há 10 anos, totalmente inexistente, exceto para fins de colaboração em projetos particulares de professores. Já vem se definindo a necessidade de pessoal diferenciado para ocupar os vários escalões que compõem uma organização de pesquisa e já é tempo das secções de ciências sociais se aparelharem para a formação de um outro tipo de profissional — o técnico —, ao lado daqueles a que ela tradicionalmente atendia — o professor e o cientista —.

Isso coloca, certamente, o problema da orientação a ser imprimido aos cursos de treinamento. No ponto em que nos encontramos, seria impossível pensar em distinguir o adiestramento, visando especificamente dois níveis diferentes de profissionais: um grupo menos qualificado, que recebe quase sempre o mesmo tipo de atribuições e não participa das fases do planejamento ou elaboração final dos resultados, e um grupo que deve dominar tôdas as etapas do trabalho e inclusive assumir posições de liderança. Nas nossas condições, a única alternativa possível é a formação homogênea e compreensiva, capaz de satisfazer a ambos os objetivos. Entretanto, é necessário que nos cursos de treinamento em pesquisas um pêso bem maior que o atual seja dado aos aspectos técnicos, a fim de, pelo menos, em parte corresponder a essas solicitações ocupacionais e dêse modo corrigir provisoriamente o desnível que já vem se observando entre as perspectivas de aproveitamento do profissional em sociologia e o tipo de formação que recebe. Os não menos importantes aspectos da instrução teórica do pesquisador são suficientemente acentuadas e supridos em vários níveis de complicação e em várias direções, desde os cursos introdutórios até aos mais especializados, por fôrça mesmo da própria estrutura do curso universitário de base acadêmica. Mas os problemas de ordem técnica recebem ainda atenção reduzida e nem poderia ser de outra maneira, visto que a própria introdução das pesquisas de treinamento, nos currículos, data de época recente e se encontra ainda em fase de tentativas.

Essas reflexões nos conduzem a um outro problema da organização das pesquisas de treinamento. Trata-se de resolver se o trabalho pode ser proposto em termos específicos de adestramento mais intenso em técnicas parceladas, deixando para as exposições formais o adestramento metodológico (critério que favoreceria as exigências de preparo de novo tipo de profissional), ou se deve ser concebido como uma unidade completa, referida a um tema determinado que dê sentido à investigação, a fim de familiarizar o aluno com tôdas as suas fases, do planejamento à elaboração final dos resultados (critério que satisfaz à necessidade de preparo indiferenciado). Éste é um problema que precisa ser pensado em conexão com outro, o de saber qual o momento conveniente de introduzir, na seriação dos cursos, a pesquisa de treinamento. E' preciso considerar que nos estágios iniciais do curso, o aluno muito freqüentemente não apanha o sentido orgânico do processo de pesquisa, apesar da preocupação, por parte do professor de explicitar cuidadosamente o encadeamento subjacente a tôdas as suas fases e à realização de balanços periódicos das atividades. De outra parte, êsses projetos completos transbordam dos limites exíguos de nossos períodos letivos. Por mais que se restrinja e simplifique o campo de estudo, o número de operações envolvidas no planejamento da pesquisa, no levantamento e análise do material e na apresentação de resultados permanece fundamentalmente o mesmo, e seu tratamento — com algum proveito para o aluno — é inexequível dentro dos 6 ou 7 meses úteis do ano. E' preciso lembrar também que êsse período não é monopolizado pela pesquisa e que subsistem outras disciplinas cujas exigências precisam ser satisfeitas concomitantemente. Nessas circunstâncias, parece que o indicado seria, pelo menos na fase inicial do curso, restringir o treinamento a técnicas parceladas, deixando para mais tarde seu entrosamento em projetos gerais. Entretanto, esta também é uma tentativa sem êxito: o desinterêsse pelos conhecimentos de ordem estritamente técnica é total e não se consegue de aluno, sem um recurso a um tema que estimule sua curiosidade, senão o mínimo necessário para as exigências de notas. Os que já tiveram oportunidade de trabalhar nos dois setôres — dos áridos procedimentos técnicos e das atraentes discussões teóricas — conhecem a indiferença de seus alunos no primeiro caso, a sua receptividade no segundo.

Esse desinterêsse pelas questões técnicas é apenas um dos aspectos de uma atitude mais geral do aluno, que êle incorpora definitivamente logo no início do curso superior. Seus efeitos, tendo em vista o adestramento de pesquisadores é dos mais profundos e negativos. O cerne da questão reside, segundo penso, no conjunto de valores que orientam o sentido da ação — tanto de professôres como de alunos, definindo modêlos de conduta que são seguidos quase sem discrepância. Basicamente poderiam ser enunciados como o ideal de trabalho independente, de contribuição pessoal e original, de liberdade e autonomia para seguir os próprios interesses e inclinações intelectuais — em última análise, resumem-se no aprêço pelo *talento individual*. Constituem o mesmo conjunto de valores a que me referi ao tratar do adestramento teórico do pesquisador. Naquêle contexto, o sentido que impriam à ação do professor e do aluno tinha um aspecto criador, exatamente por causa da compatibilidade dos nossos ideias intelectuais à linha de contribuições teóricas incorporadas em nosso estilo de reflexão sociológica — ainda bem nos moldes individualizadores— e à maneira tradicional de transmissão dêsses conhecimentos — a exposição formal. A investigação sociológica, nos padrões em que atualmente se impõe, implica numa alteração completa dos hábitos de trabalho anteriormente vigentes. O que interessam aqui, é que não existe mais adequação entre aquêles valores e a conduta exigida pela organização da pesquisa. Isto fica patente quando se procura pensar sôbre as insatisfações e desajustamentos dos que participam dessas engrenagens.

No plano educacional, o professor dificilmente consegue, em grau suficiente, o entrosamento das atividades do grupo sob sua orientação. O aluno traz consigo o hábito do cumprimento isolado das tarefas escolares, ou, quando muito mediante a cooperação espontânea em pequenos grupos homogêneos. Está afeito, também, à responsabilidade estritamente pessoal por suas decisões; o preenchimento ou não de seus deveres terá conseqüências que só atingirão a êle próprio. Estes não são bons pontos de partida para a participação num trabalho fundamentalmente assentado na disciplina e no encadeamento e que deve ser realizado de acôrdo com esquemas prèviamente estabelecidos. Realmente, de modo geral os alunos revelam dificuldades em se acomodar aos padrões de trabalho coletivo e, com o tempo,

o processo tende a se agravar, acabando alguns por se desligarem totalmente do grupo. O resultado é que as negligências vão afetando o esforço de conjunto, vão se introduzindo atrasos e deficiências que repercutem nas fases subseqüentes e o projeto todo acaba por se comprometer, tornando mínimo o aproveitamento da classe. E a insatisfação do aluno tem por base o desejo de fazer uma pesquisa *sua*, com tema de *seu* interesse, à *sua* discrição.

Dificuldades da mesma natureza são encontradas em instituições públicas ou privadas, que se dedicam a pesquisas, as quais enfrentam problemas de liderança e de integração eficientes de pessoal e de atribuições, também geradas pelos valores vigentes em nosso meio intelectual, em conflito com as reais condições de trabalho. É significativa, nesta passagem, a observação de um diretor de empresa de pesquisas de opinião pública e mercado sobre a freqüente irresponsabilidade dos empregados com formação de nível superior. Convém notar que esse diretor, ele próprio, é um universitário moldado na mais completa tradição acadêmica e que, apesar disso, prefere admitir pessoal menos treinado, mas sensível à implantação de uma rotina.

Qualquer organização dos trabalhos de treinamento em pesquisa que favoreça a projeção desses ideais, como, por exemplo, a fragmentação das classes em pequenas equipes realizando pesquisas dissociadas, ou a aceitação de projetos individuais, ou a permissão de tratamento independente de temas comuns, precisam ser evitadas, pelo menos no início do curso. Sobre este autor pesa a imprecisão, por seus alunos, de centralizador e resistente à concessão de liberdade. Entretanto, a partir da discussão procedente não parecem aconselháveis as soluções que envolvam basicamente autonomia de decisões, uma vez que a tendência é levá-la a seus extremos e não definir criteriosamente os limites de sua conveniência com vistas à natureza das funções desempenhadas. Na única oportunidade em que este autor se propoz uma orientação frouxa e distante, condição desejada pelos alunos e a única possível para ele na época, a experiência foi das mais negativas. Não obstante se tratar de alunos do último ano, que espontaneamente decidiram cooperar na realização de uma pesquisa, em menos de um semestre a equipe desmantelou-se em razão da total incapacidade de ajustamento de seus membros.

A conseqüência grave, do ponto de vista do aluno, de não se opôr obstaculos à incorporação dêsse valôres é não habilitá-lo para a vida profissional e, dêsse modo, realmente incapacitá-lo para a atividade criadora que êle tão ansiosamente busca. Para chegar a ela, é preciso percorrer o caminho, e os que ambicionam os altos foros da ciência precisam compreender que só a participação efetiva nos vários níveis em que se articula o conhecimento científico, e o entrosamento com as instituições capazes de arcar com o pêsso de seu custo, lhes dará o domínio satisfatório da complexa engrenagem das investigações modernas e lhes possibilitará, um dia, o acesso aos postos de liderança. Preso ainda à valorização dos elementos individualizadores no trabalho intelectual, o aluno não percebe, com a nitidez necessária, que dia a dia nas ciências sociais, e “scholar” entregue à sua própria imaginação e a seus próprios recursos, perde o sentido. Ilustram essa incompreensão, casos de alunos, entre nós registrados, que recusam participar de projetos de envergadura, por não se disporem a enfrentar as tarefas menores que lhes caberia. Essa atitude traduz a incapacidade em discernir e aproveitar as oportunidades que lhes permitiria romper o círculo fechado e sem promessas da atividade isolada, escapar às limitações que ela necessariamente impõe — não há condições de erudição, de capacidade de trabalho ou de recursos que num plano puramente individual possam satisfazer, de modo completo as exigências da investigação sociológica no presente — e ingressar numa área em que a pesquisa deixa de ser uma ambição e se torna realmente exequível.

Finalmente, resta considerar que as condições atuais de nosso meio ao mesmo tempo que geram a necessidade do novo tipo de profissional nas ciências sociais e impõem padrões de formação do pesquisador incompatíveis com os valôres dominantes em nosso mundo intelectual, também estimulam e justificam a conduta definida pelos mesmos valores, através da rápida absorção dos elementos treinados no campo e de sua prematura ascensão a posições chaves.

Em resumo, e procurando caracterizar a situação em termos de conceitos sociológicos, diríamos que se trata de um momento de transição, em que a “ordem legítima” que orienta a conduta no grupo de intelectuais brasileiros e que é garantida pela “crença racional do con-

junto de valores” (1) polarizados em torno do eixo *talento-prestígio pessoal*, começa a ter sua validade ameaçada. O problema que assim se coloca é a formulação de uma ética do pesquisador capaz de imprimir à sua ação um sentido criador e oferecer condições favoráveis de ajustamento às condições atuais de trabalho nas ciências sociais. Faz-se necessário um sistema de normas que orientem a conduta no sentido de promover a integração dos grupos de pesquisa, através do conhecimento da dependência recíproca de seus membros, da definição da responsabilidade coletivamente partilhada, da consciência de que as diferenças individuais devem ser conjugadas tendo em vista um objetivo comum, da compreensão do significado criador de todos os níveis das atividades de investigação.

#### I V

Concluindo, vemos que, como decorrência da relativa imaturidade da sociologia, onde são ainda remotas as esperanças num sistema total de teoria, as soluções possíveis para o processo de transmissão de conhecimentos nesse campo tem, para todos os efeitos e, portanto, inclusive para o treinamento de pesquisadores, um caráter tentativo. Entretanto, essas dificuldades são em parte neutralizadas pelo caráter da tradição acadêmica por nós incorporada — na linha da criação intelectual independente — e pelo tipo de organização dos cursos que dela decorre — a exposição formal —, ainda eficientes para provomer um ajustamento satisfatório de professôres e a lunos à disciplina que estudam.

De outra parte, o adestramento técnico, se não coloca problemas de *orientação*, pelo apreciável consenso já alcaçado nesse setor, apresenta, em compensação, dificuldades no nível da *organização* das pesquisas, cujas raízes estão no conjunto de normas e valores vigentes no mundo intelectual brasileiro, definidos em tórno do talento pessoal e que orientam a conduta num sentido individualizador, incompatível com o padrão de trabalho cooperativo exigido pela investigação socio-

---

(1) — Cf. Conotação dèsses conceitos em Max Weber, *Economia y Sociedad*, México, Rondo de Cultura, pp. 29-37.

lógica contemporânea. Em adição, o processo de desenvolvimento que atravessamos promove a rápida absorção de pessoal credenciado para as tarefas geradas pela crescente necessidade de contrôles racionais de áreas cada vez mais numerosas e extensas da vida social e obriga, não raro, à prematura autonomia e responsabilidade de decisões, acentuando e estimulando dessa maneira as tendências individualizadoras a que nos referimos.

Vemos, assim, no ensino da teoria e da técnica, o sistema de valores dominantes na intelectualidade brasileira atuar em sentido divergente: favorecendo, no primeiro caso, e dificultando, no segundo, o processo de transmissão de conhecimentos. No plano do adestramento técnico, as condições do meio social agem também contraditoriamente: de um lado criam a necessidade de um novo tipo de profissional das ciências sociais e, de outro, atrasam a substituição dos ideais de trabalho científico necessário para o sucesso de sua formação.

APÊNDICE

II

REPERTÓRIO PARCIAL DOS DADOS E EVIDÊNCIAS  
COLIGIDOS

TABELA I

Aspectos da composição do grupo de alunos estudados

Características	n.º de alunos
<b>Local de nascimento</b>	
Interior	237
Zona Velha	153
Zona de Transição	55
Zona Nova	29
São Paulo	169
Outros Estados e Países	84
<b>Sexo</b>	
Masculino	244
Feminino	246
<b>Idade</b>	
— 24	371
24 — 36	103
36 —	16
<b>Estado Civil</b>	
Solteiros	433
Casados	44
Desquitados	3

Fonte: Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, U. S. P.  
(Levantamento realizado na pesquisas).

TABELA II

Aspectos da formação escolar do grupo de alunos estudados

Tipo de curso	n.º de alunos
<b>Primeiro ciclo</b>	
Ginásio	412
Comercial básico	10
Complementar	3
Escola de Guerra	4
No exterior	3
<b>Segundo ciclo</b>	
Clássico	121
Científico	226
Normal	65
Técnico de Contabilidade	10
Químico Industrial	1
Escola de Guerra	4
<b>Madureza</b>	17
<b>Seminaristas</b>	10
<b>Sem informações quanto ao curso secundário (*)</b>	30

Fonte: Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, U.S.P. (Levantamento realizado na pesquisa).

(\*) — Inclusive 16 alunos que fizeram curso superior.

TABELA III

Indicações sôbre a posição social do grupo de alunos estudados

Características	n.º de alunos
Renda da família	
/.... Cr\$ 10.000,00	14
Cr\$ 10.000,00 /.... Cr\$ 20.000,00	16
Cr\$ 20.000,00 /.... Cr\$ 50.000,00	21
Cr\$ 50.000,00 /....	5
Meios de subsistência do aluno	
No interior	
Trabalhavam	14
Não trabalhavam	42
Em São Paulo	
Trabalho (*)	19
Trabalho e ajuda da família	4
Mesada da família	33

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 1, 2 e 21).

(\*) — Inclusive comissionados.

TABELA IV

Indicações sôbre alterações no sistema de status no interior, levando à procura de agências formais de adestramento para o ajustamento às novas posições e papéis

Atitude frente à formação escolar	freqüência de escolha
Ocupações tradicionais e agências locais de adestramento consideradas satisfatórias	26 (*)
Valorização da instrução superior, reconhecimento da necessidade de qualificação profissional	79 (*)

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (pergunta 3).

(\*) — Resposta múltipla permitida.

TABELA V

Indicações sobre o afrouxamento ou alteração dos padrões tradicionais de controle social no meio social de origem.

Controles considerados na pesquisa	n.º de alunos
Época da escolha de carreira pelo aluno e influências recebidas	
Decisão na infância	21
influenciada pela família	4
independente da família	17
Decisão na adolescência	35
não procuraram conselhos	17
procuraram conselhos (*)	18
Atitude da família quanto à vinda para a Faculdade de Filosofia	
Aprovação plena	45
Aceitação sem entusiasmo	8
Reprovação, mas sem opor obstáculos	3
Reprovação opondo obstáculos	—

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 4, 5 e 6).

(\*) — Frequência de escolha dos grupos aos quais os alunos recorreram para conselho: família — 20; amigos — 8; professores — 10 (resposta múltipla permitida).

TABELA VI

Fatores considerados para o estudo da vinculação do aluno ao meio social de origem

Atitudes em relação ao interior

Na época em que saíram	n.º de alunos
desejavam sair	13
indiferentes	37
vieram a contragosto	6
Na época das entrevistas	f escolha (*)
revelam ligações estreitas	20
revelam ligações apenas com a família	36
revelam dificuldades de ajustamento	16
revelam rejeição total	2

Satisfação com as condições de vida no interior	f escolha (*)
Satisfeitos	30
Insatisfeitos	72
limitação das oportunidades de trabalho	30
desejo de instrução	26
fuga à rotina do interior	16

Persistência de contactos com o interior	n.º de alunos
Família permaneceu no interior	50
Família veio para São Paulo	6
Voltaram ao interior (**)	54
Não voltaram ao interior	2

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 8, 24, 9, 22 e 23).

(\*) — Escolha múltipla permitida.

(\*\*) — Frequência das visitas ao interior (escolha múltipla permitida): todas as semanas — 14; uma vez por mês — 15; apenas nas férias — 27.

TABELA VII

Condições prévias de ajustamento em São Paulo.

Fatores considerados na pesquisa	n.º de alunos
<b>Contactos anteriores com São Paulo</b>	
Não conheciam São Paulo	2
Residiam em São Paulo	6
Estiveram temporariamente em São Paulo (*)	48
<b>Pontos de apoio trazidos do interior</b>	
Transferência da família	7
Companhia de irmãos ou amigos	12
Sem nenhum ponto de apoio	37
<b>Pontos de apoio potenciais em São Paulo</b>	
Tinham conhecidos em São Paulo (**)	54
Não tinham conhecidos em São Paulo	2
<b>Pontos de apoio efetivamente usados em São Paulo</b>	
Procuraram os conhecidos	52
Não procuraram os conhecidos	4

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 10, 11, 12 e 13).

(\*) — Dos 48 alunos que estiveram temporariamente em São Paulo, 25 vieram várias vezes por ano e 23 apenas uma vez por ano ou menos; a duração dessas estadias foi de apenas alguns dias para 40 alunos e de um mês ou mais para 8 alunos.

(\*\*) — Entre os conhecidos em São Paulo, havia pessoas ligadas ao grupo primário do interior (frequência de escolha: 52) e pessoas de São Paulo (frequência de escolha: 24). (Resposta múltipla permitida).

TABELA VIII

Um aspecto da adaptação em São Paulo.

alojamento	n.º de alunos
Em locais públicos	27
Com pessoas das relações	29
<b>Mudanças dos que se alojaram em locais públicos</b>	
nenhuma vez	8
uma vez	9
mais de uma vez	10
<b>Mudanças dos que se alojaram com pessoas das relações</b>	
nenhuma vez	14
uma vez	9
mais de uma vez	6

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 17 e 18).

TABELA IX

Aspectos considerados para o estudo do grupo de convivência em São

Transformação do grupo inicial	n.º de alunos
Apenas antigas amizades	12
Novas amizades somadas às antigas	32
Predominância de novas amizades	6
Apenas novas amizades	7
Composição do novo grupo (*)	n.º de alunos
Pessoas do interior	3
Pessoas de São Paulo	7
Pessoas do interior e de S. Paulo	35
Áreas de estabelecimentos das relações	f da escolha
Ao chegar a São Paulo	
casa de parentes	44
casa de colegas da Faculdade	18
casa de outros amigos	30
Na data das entrevistas	
casa de parentes	30
casa de colegas da Faculdade	41
casa de outros amigos	31

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 14, 15, 16, 19 e 20).  
 (\*) — A Faculdade de Filosofia foi indicada 44 vezes como o local onde foram estabelecidas as novas relações; 43 vezes foram indicados outros locais.

TABELA X

Um índice da integração do jovem ao meio social novo.

Opinião quanto às dificuldades sentidas	n.º de alunos
A maior parte foi superada	42
A maior parte subsiste, mas é en-	

TABELA XI

Motivos para entrada na Faculdade de Filosofia.

Aspectos mais importantes considerados	f de escolha (*)
Formação técnica ou profissional	21
Formação ligada indiretamente com a carreira escolhida	12
Fundamentação de ideais de vida	23
Vocação para a pesquisa científica ou a criação literária	11
Aquisição de cultura geral	18

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (pergunta 26).

(\*) — Escolha múltipla permitida.

TABELA XII

O grupo de convivência na Faculdade de Filosofia.

Aspectos considerados na pesquisa	n.º de alunos
Contactos prévios	
Já conheciam alunos da Faculdade (*)	44
Não conheciam alunos da Faculdade	12
Aproximação com colegas	
Na época de chegada	
Maior facilidade com colegas da Capital	5
Maior facilidade com colegas do interior	26
Indiferente	25
Na época das entrevistas (**)	
Maior facilidade com colegas da Capital	4
Maior facilidade com colegas do interior	14
Indiferente	
Áreas das relações mantidas com colegas	
Apenas na Faculdade	14
Dentro e fora da Faculdade	42

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 27, 28, 29 e 30).

(\*) — 45 alunos declaram que os colegas que já conheciam na Faculdade serviram como fontes de orientação tanto em situações internas à Faculdade como em relação ao meio social mais amplo; 9 declaram não ter recebido nenhuma orientação desses colegas; 3 não responderam.

(\*\*) — Há uma entrevista sem resposta.

TABELA XIII

A Faculdade de Filosofia como foco para manutenção de relações.

Aspectos considerados	n.º de alunos
Frequência à Faculdade fora das aulas	
freqüentam	39
não freqüentam	17
Participação no Grêmio dos alunos (*)	
sócios	31
não sócios	25
freqüentam a sede	20
não freqüentam a sede	36
freqüentam bailes	21
não freqüentam bailes	35
Participação nos Departamentos	7
Participação na vida política	
apenas votam	17
participação mais ativa	3
não participam	36

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa (perguntas 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38).

(\*) — O significado mais freqüente atribuído ao Grêmio é o de oferecer ensejo para diversões e bate papo (freqüência de escolha: 21); segue-se o reconhecimento de um papel auxiliar nos estudos (freqüência de escolha: 10). Para a metade dos alunos, o Grêmio não teve papel nenhum (freqüência de escolha: 23). (Escolha múltipla permitida).



2. ROTEIRO DE ENTREVISTA

- (1) Indique qual a quantia que se aproxima mais da renda mensal de sua família. Indique também quais os membros da família que contribuem para essa quantia.
- |  |   |  |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> até Cr\$ 10.000,00                            | <input type="checkbox"/> pai                        | <input checked="" type="checkbox"/> mãe        |
| <input type="checkbox"/> de Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 20.000,00            | <input checked="" type="checkbox"/> irmãos          | <input checked="" type="checkbox"/> você mesmo |
| <input checked="" type="checkbox"/> de Cr\$ 20.000,00 a Cr\$ 50.000,00 | <input checked="" type="checkbox"/> outros parentes |  |
| <input type="checkbox"/> mais de 50.000,00                             |   |  |
- (2) Você trabalhava antes de vir para São Paulo?  sim  não  
Em caso afirmativo, explique em que você trabalhava .....
- .....
- .....
- (3) Dentre os casos propostos abaixo, assinale os que mais se aproximam da situação em que se encontravam os amigos que você tinha no interior:
- pessoas que pretendiam se encaminhar no mesmo negócio ou na mesma atividade do pai, e assim sendo, mais lhes valia se familiarizarem com essas atividades e aproveitar os conhecimentos e a experiência que os mais velhos tinham do assunto. Pouco ou nada adiantaria cursar uma escola superior.
  - pessoas que, apesar de não terem na família um negócio em que pudessem se encaminhar, não se interessaram por fazer um curso superior. Acabado o curso secundário, trataram logo de arranjar um emprego. Não pensaram em sair do interior.
  - pessoas que acham que muito estudo não adianta. O que vale é “meter a cara”. Coragem de trabalhar e esperteza é que resolvem.
  - pessoas que gostariam de estudar e que acham que com um diploma teriam melhores oportunidades, mas que não tiveram meios de conseguir e foram obrigadas a trabalhar, abandonando os estudos.
  - pessoas que resolveram cursar escola superior porque pensam que sem estudar não se pode aproveitar as boas oportunidades que atualmente se oferecem aos jovens. A posse de um diploma habilita a bons empregos.
  - pessoas cujos pais pensam que um diploma é uma necessidade, pois representa uma garantia de vida. São pais que, não dispendo de outro meio de encaminhar os filhos, desejam dar-lhes uma boa educação, a fim de que possam ter melhores condições de vida e facilidades que eles próprios não tiveram.
  - pessoas que resolveram fazer curso superior para “encher o tempo”. Por exemplo, moças cujas famílias, ou elas próprias, pensam que em vez de ficarem desocupadas, mais vale se instruírem.
- (4) Desde criança você desejou seguir a carreira para a qual está agora se preparando?  sim  não. Em caso afirmativo, indique quais os motivos que você acha que tiveram papel importante nessa sua escolha:

( x ) trata-se de profissão que aparece freqüentemente em sua família seu pai, tios ou irmãos mais velhos já a haviam seguido.

( x ) seus pais e parentes chegados sempre o encorajaram para segui-la.

( ) você mesmo se entusiasmou por ela, sem que houvesse qualquer ligação com sua família. Neste último caso, relate o motivo dêsse seu interêsse:

.....  
.....  
.....  
.....

(5) Se você não tinha, desde cêdo, opinião formada quanto à carreira que iria seguir, quando chegou o momento de decidir e fazer uma escolha você procurou ouvir alguém?

( ) sim ( ) não

Em caso afirmativo, indique quais foram essas pessoas:

( ) pai ( ) mãe ( ) irmãos  
( ) outros parentes ( ) amigos ( ) professôres

(6) Como se comportou sua família quando você resolveu vir para a Faculdade, em São Paulo?

( ) aprovou plenamente sua decisão, não pondo obstáculo algum.

( ) aceitou sua decisão, mas sem grande entusiasmo.

( ) reprovou sua decisão, mas não se opôs de modo terminante.

( ) reprovou inteiramente sua decisão e se opôs à sua vinda.

(7) Caso sua família tenha aprovado ou aceito sua vinda para São Paulo, indique os motivos dessa atitude.

.....  
.....  
.....

(8) Indique se você:

( x ) desejava sair do interior

( ) gostava de morar no interior, mas também não lhe era desagradável a idéia de vir para São Paulo

( ) veio a contra-gôsto

(9) Dentre as situações propostas abaixo, assinale aquelas que se aproximam dos motivos que você próprio tinha para *vir* e para *não vir* para São Paulo

( x ) porque permanecendo no interior você ficaria muito limitado do ponto de vista das oportunidades de trabalho. Os empregos que você poderia arranjar com o grau de instrução possibilitado pelas escolas existentes em sua cidade não o satisfaziam e o condenariam à mediocridade.



(12) Quando você chegou a São Paulo, você já tinha pessoas das suas relações que aqui estavam estabelecidas?

( ) sim ( ) não

Em caso afirmativo, indique se essas pessoas eram:

( ) parentes que aqui moravam

( ) amigos ou parentes do interior que vieram junto ou pouco antes que você

( ) amigos de São Paulo mesmo.

(13) Quando você aqui chegou entrou em contacto com essas pessoas?

( ) sim ( ) não

Em caso afirmativo, como se comportaram elas em relação a você. Indique as situações em que elas o ajudaram:

( ) para introduzi-lo na roda de amigos

( ) para indicar-lhe um bom lugar onde se instalar

( ) para orientá-lo na cidade: indicar os passeios, as lojas, bares, restaurantes, etc.

( ) para arranjar-lhe um emprêgo

( ) para ajudá-lo nos estudos

( ) não o ajudaram em nada.

(14) Se você não conhecia ninguém em São Paulo, indique onde foi que conheceu as pessoas que vieram a constituir sua primeira roda de amigos.

.....  
.....

(15) Passado algum tempo, o que aconteceu com referência ao seu grupo de amizades (tanto no caso de você já conhecer pessoas de São Paulo, como no caso de só ter feito relações após ter vindo):

( ) você manteve essas relações iniciais, sem procurar novas amizades.

As outras relações que fêz ficaram apenas no nível de conhecimentos.

( ) você manteve essas relações iniciais e continuou a ver essas pessoas freqüentemente, mas fêz também novo grupo de amigos.

( ) você fêz novo grupo de amigos, e das relações iniciais, você manteve apenas algumas, que passaram também a fazer parte do novo grupo.

( ) você fêz novo grupo de amigos e perdeu completamente de vista a roda de relações inicial.

(16) Caso você tenha feito novo grupo de amigos, indique se é constituído por

( ) pessoas do interior

( ) da sua cidade

( ) de outra cidade

( ) pessoas de São Paulo

Indique também onde foi que conheceu essas pessoas .....

- (17) Quando chegou a São Paulo, onde foi morar:
- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> casa dos pais                     | <input type="checkbox"/> casa da universitária  |
| <input type="checkbox"/> casa de parentes                  | <input type="checkbox"/> casa do estudante      |
| <input type="checkbox"/> quarto em casa de família         | <input type="checkbox"/> pensionato             |
| <input type="checkbox"/> casa de amigos                    | <input type="checkbox"/> pensão                 |
| <input type="checkbox"/> apartamento sozinho               | <input type="checkbox"/> hotel                  |
| <input type="checkbox"/> apartamento com amigos ou irmãos. | <input type="checkbox"/> .....<br>(outro local) |
- (18) Você já se mudou?  sim  não  
Em caso afirmativo, indique quantas vezes..... e para onde, e porque
- (19) Indique se, logo ao chegar a São Paulo, você costumava fazer visitas:
- em casa de parentes
  - em casa de colegas da Faculdade
  - em casa de colegas de trabalho
  - em casa de outros amigos
- (20) E atualmente, você costuma fazer visitas:
- em casa de parentes
  - em casa de colegas da Faculdade
  - em casa de colegas de trabalho
  - em casa de outros amigos
- (21) Qual o seu meio de subsistência aqui em São Paulo:
- trabalho  comissionado
  - trabalho e ajuda dos pais  mesada
- (22) Sua família continua no interior?  sim  não  
Caso tenha vindo para São Paulo, indique quando veio.....
- (23) Você tem tido oportunidade de voltar para o interior?  sim  não  
Em caso afirmativo indique a frequência dessas visitas:
- todas as semanas  uma vez por mês  só nas férias.
- (24) Entre as situações propostas abaixo, assinale aquelas que mais se aproximam do modo como você se sente cada vez que vai para o interior:
- espera ansiosamente todas as ocasiões de ir para o interior.  
Neste caso, indique os motivos que fazem com que você tenha tanto prazer em ir .....
  - Você gosta de ir, mas apenas pelo fato de estar em casa e ficar com a família. Quando está no interior, quase não sai de casa.
  - Quando você está no interior, você sente que não tem mais afinidade com as pessoas, que não consegue mais conviver com elas; os interesses e os pontos de vista são tão diferentes, que você não tem o que conversar com elas.

- (x) Você não gosta de ir para o interior; demora para resolver ir, e vai apenas quando não tem outro jeito. Não vê a hora de voltar para São Paulo. Neste caso indique do que é que você sente falta quando está no interior
- .....
- .....
- (25) Das dificuldades que você sentiu ao chegar a São Paulo, tanto do ponto de vista das condições materiais de vida, quanto das relações com as pessoas, você diria que:
- (x) a maior parte foi superada e você hoje vive agradavelmente em São Paulo
- ( ) a maior parte subsiste, mas você se conformou com elas e as aceita como um mal necessário.
- Obs. ....
- .....
- (26) Por que você resolveu entrar para a Faculdade de Filosofia?
- ( ) para receber uma formação técnica ou profissional
- ( ) para receber uma formação que irá ajudá-lo indiretamente na carreira que pretende seguir
- (x) para fundamentar certos ideais da vida
- (x) para se dedicar ao trabalho de pesquisa científica ou de criação artística ou literária
- (x) para se ilustrar e adquirir cultura geral
- ( ) por influência de outras pessoas (pais, amigos, professores)
- ( ) porque você precisava fazer um curso superior e, por exclusão, escolheu a Faculdade
- ( ) porque o exame vestibular era mais fácil
- ( ) porque você prestou exame em duas escolas e, tendo sido reprovado num deles, ficou na Faculdade
- ( ) porque você foi reprovado no exame vestibular da escola que realmente o interessava e fez segunda chamada na Faculdade para não perder o ano
- ( ) porque a Faculdade permite comissionamento
- ( ) para encher tempo
- ( ) outros motivos .....
- .....
- (27) Quando você entrou para a Faculdade, você já conhecia colegas que já a estavam cursando? que tivessem entrado antes de você?
- ( ) sim     (x) não
- Em caso afirmativo, indique como eles se comportaram em relação a você.
- (28) Você diria que foi mais fácil se aproximar:

- de colegas do interior .....  
(explique porque)  
.....
- de colegas de São Paulo .....  
(explique porque)
- indiferente .....
- (29) Indique se atualmente, essa sua impressão:  
 se modificou     se acentuou     se manteve
- (30) As relações que você mantém com os colegas são:  
 apenas dentro da aculdade  
 fora da Faculdade também
- (31) Você freqüenta a Faculdade fora do período de aulas?  
 sim     não  
Em caso afirmativo, indique se é para:  
 encontrar os colegas     freqüentar laboratório  
 estudar com colegas  
 se utilizar do bar  
 se utilizar do restaurante  
 se entender com professôres e assistentes  
 .....  
(outras situações)
- (32) Você é sócio do Grêmio?     sim     não
- (33) Você freqüenta com regularidade a sede?     sim     não  
Em caso afirmativo, indique se você a freqüenta  
 para encontrar os amigos e "bater papo"  
 jogar ping pong     telefonar  
 jogar xadrez     usar a máquina de escrever  
 namorar     ouvir rádio ou discos  
 .....  
(outras situações)
- (34) Você freqüenta os bailes do Grêmio?     sim     não
- (35) Você utiliza dos vários Departamentos do Grêmio?     sim     não  
Em caso afirmativo, indique quais:
- (36) Você participa da política do Grêmio?     sim     não  
Em caso afirmativo, indique se você  
 já foi candidato a algum cargo  
 já ocupou algum cargo  
 já trabalhou ativamente em campanha eleitoral  
 participa das discussões em assembléia  
 apenas vota

(37) Você trabalha para algum dos Departamentos do Grêmio? (x) sim ( ) não.  
Em caso afirmativo, explique porque você resolveu prestar sua colaboração.

.....  
.....

(38) Indique qual o significado que o grêmio teve para você:

- ( ) facilitou sua tarefa nos estudos
- ( ) proporcionou-lhe um local onde se encontrar com os amigos e passar horas agradáveis
- (x) proporcionou-lhe oportunidade para fazer conhecimentos
- ( ) proporcionou-lhe oportunidade de estender seus conhecimentos sobre assuntos paralelos aos que recebe nas aulas
- (x) proporcionou-lhe ensejo para diversões
- ( ) .....
- ( ) .....

(outras situações)

( ) não teve papel nenhum.

(39) Cidade de nascimento ..... data de nascimento .....

( ) zona rural ( ) zona urbana

Outras cidades onde morou:

.....	Tempo de residência (cite datas)
( ) zona rural ( ) zona urbana	.....
.....	.....
( ) zona rural ( ) zona urbana	.....
.....	.....
( ) zona rural ( ) zona urbana	.....
.....	.....
( ) zona rural ( ) zona urbana	.....

Nacionalidade

pai .....	mãe .....
avô paterno .....	avô materno .....
avó paterna .....	avó materna .....

Enderêço em São Paulo .....

Secção da Faculdade ..... Período .....

Indicar se, antes de vir para São Paulo, já havia saído da cidade onde morava, ficando longe da família.

( ) sim ( ) não

Em caso afirmativo, indicar locais e períodos de tempo.

Dados a serem preenchidos pelo pesquisador

N.º da ficha .....

Data da aplicação .....

Observações



## APÊNDICE IV

### *MUNICÍPIOS INCLUÍDOS NAS DIFERENTES ZONAS*

(Base no trabalho de Vicente Unser de Almeida e Otávio Teixeira Mendes, atualizado, segundo o *Quadro Demonstrativo do Desmembramento dos Municípios* — quinquênio 1954-1958 — publicado pelo Departamento de Estatística do Estado de São Paulo).

#### *Zona Velha*

Americana — Altinópolis — Águas do Prata — Águas de São Pedro — Aguaí — Amparo — Analandia — Angatuba — Anhembi — Aparecida — Aroçoiaba da Serra — Araras — Areias — Araraquara — Arthur Nogueira — Atibaia — Avaré — Bananal — Barra Bonita — Barreiro — Batatais — Bocaina — Bofete — Boituva — Botucatu — Bragança Paulista — Brotas — Buri — Cabreúva — Caçapava — Cachoeira Paulista — Caconde — Cajurú — Campinas — Campos do Jordão — Cananéia — Capão Bonito — Capivari — Caraguatatuba — Casa Branca — Cerqueira César — Cerquilha — Conchal — Conchas — Cordeirópolis — Corumbataí — Cosmópolis — Cotia — Cravinhos — Cruzeiro — Cunha — Descalvado — Dois Córregos — Dourado — Elias Fausto — São José da Bela Vista — Franca — Franco da Rocha — Guapira — Guararema — Guaratinguetá — Guareí — Guarulhos — Ibiuna — Igarapava — Iguape — Indaiatuba — Itanhaém — Itapeçerica da Serra — Itapitininga — Itapeva — Itapira — Itaporanga — Itariri — Itatiba — Itatinga — Itirapina — Itirapuã — Itu — Jaboticabal — Jacareí — Jambuí — Jarínú — Jau — Joanópolis — Jundiá — Laranjal Paulista — Lavrinhas — Leme — Lençóis Paulista — Limeira — Lindóia — Lorena — Maioporã — Mineiros do Tietê — Mococa — Mogí das Cruzes — Mogí Guassu — Mogí Mirim — Monte Alegre do Sul — Monte Mór — Monteiro Lobato — Natividade da Serra — Nazaré Paulista — Paraibuna — Patrocínio Paulista — Pedregulho — Pedreira — Pereiras — Piedade — Pilar do Sul — Pindamonhangaba — Pinhal — Piracaia — Piracicaba — Pirajú — Pirassununga — Poá — Porangaba — Pôrto Feliz — Pôrto Ferreira — Redenção da Serra — Queluz — Rifaina — Rio das Pedras — Ribeirão Preto — Rincão — Rio Claro — Saleópolis — Salto — Santana de Parnaíba — Santos — São Vicente — Santa Bárbara do Oeste — Santa Bárbara do Rio Pardo — Santa Branca — Santa Cruz das Palmeiras — Santa Cruz do Rio Pardo — Santa Gertrudes — Santa Isabel — Santa Rita do Passa Quatro — Santa Rosa de Viterbo — São Bento do Sapucaí — Santo Antônio da Alegria — São Carlos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São Luís do Paraitinga — São Miguel Arcanjo — São Pedro — São Roque — São Sebastião da Gramma — São

Vicente — Santo André — São Bernardo — São Caetano — Sarapuí — Serrana — Serra Azul — Serra Negra — Silveiras — Socorro — Sorocaba — Suzano — Tambaú — Tapiratiba — Tatuí — Taubaté — Tietê — Timburi — Torrinha — Tremembé — Vargem Grande do Sul — Vinhedo.

*Zona de Transição*

Agudos — Ariranha — Assis — Avaí — Bariri — Barretos — Bauru — Bebedouro — Bernardino de Campos — Borborema — Boa Esperança do Sul — Brodosqui — Cajobi — Cândido Mota — Catanduva — Cedral — Chavantes — Colina — Jaborandi — Echaporá — Fartura — Fernando Prestes — Guara — Guaraiaba — Iacanga — Arealva — Ibirá — Ibirarema — Campos Novos Paulista — Ibitinga — Ipaçu — Irapuã — Itaberaba — Itai — Itajobi — Itápolis — Itaouí — Itararé — Ituverava — Jardinópolis — Lins — Macatuba — Manduêi — Matão — Taiuva — Mirassol — Monte Alto — Monte Azul Paulista — Morro Agudo — Novo Horizonte — Nuporanga — Óleo — Olímpia — Orilândia — Ourinhos — Palestina — Palmital — Paranapanema — Pederneiras — Penápolis — Pindorama — Pirangí — Pirajuí — Pongai — Reginópolis — Piratinga — Cabralia Paulista — Pitangueiras — Pontal — Ribeirão Branco — Sales Oliveira — Salto Grande — Santa Adélia — São Joaquim da Barra — Ipuã — São José do Rio Preto — São Pedro do Turvo — Ubirajara — Sertãozinho — Tabapuã — Tabatinga — Taquaritinga — Taquarituba — Uchoa — Urupês — Viradouro — Terra Roxa .

*Zona Nova*

Álvares Machado — Apiaí — Andradina — Guaraçai — Araçatuba — Avanhandava — Bastos — Bilac — Birigui — Cafelândia — Júlio Mesquita — Coroados — Duartina — Eldorado — Fernandópolis — Estrela do Oeste — Jales — Gália — Garça — Álvaro de Carvalho — General Salgado — Getulina — Guarantã — Glicério — Guaira — Guaraci — Guararapes — Rubiácea — Herculândia — Iepê — Ilhabela — Iporanga — Jacupiranga — José Bonifácio — Lavinia — Lucélia — Adamantina — Junqueirópolis — Dracena — Gracinópolis — Flórida Paulista — Pacaembu — Paulicéia — Lucélia — Lutécia — Vera Cruz — Oscar Bressane — Macaraí — Marília — Miguelópolis — Miracatu — Juquiá — Pedro de Toledo — Mirandópolis — Monte Aprazível — Buritama — Macauba — Planalto — Neves Paulista — Nhandeara — Nova Aliança — Nova Granada — Oriente — Oswaldo Cruz — Paraguassu Paulista — Parapuã — Paulo de Faria — Pereira Barreto — Pompéia — Presidente Bernardes — Presidente Prudente — Alfredo Marcondes — Pirapõzinho — Presidente Venceslau — Presidente Epitácio — Promissão — Quatá — Quintana — Regente Feijó — Indiana — Registro — Ribeira — Santo Anastácio — Piquerobi — São Sebastião — Tanabi — Américo de Campos — Cosmorama — Tupã — Ubatuba — Valparaíso — Bento de Abreu — Vera Cruz — Votuporanga — Álvares Florence — Valentim Gentil — Cardoso.

## ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

1956

Andrez Castilho Filho	Tyoko Hayasi
Armenuhy Kahvejian	Zulmira Sodré Ribeiro
Beatriz Beck	Maria Aparecida de Andrade
Haydée Leis	Angela Sodero Pousa
Haydée Maria Roveratti	Aziz Gabriel
Helena Maria Pereira de Carvalho	Celso de Rui Beisiegel
João Baptista Borges de Pereira	Evelin Said Miguel Naked
José Fábio Barbosa da Silva	Francisco Torggler
Kawamoto Noriko	Maria Aparecida de Andrade
Maria Juvenil da Cunha	Plauto Lapa Coimbra
Olga Ambrozina Magnoli	Ronald Colombini
Ophelina Rabello	Rubens de Lima
Suely Virginia de Mello Moreira	José Martins Domingues

1957

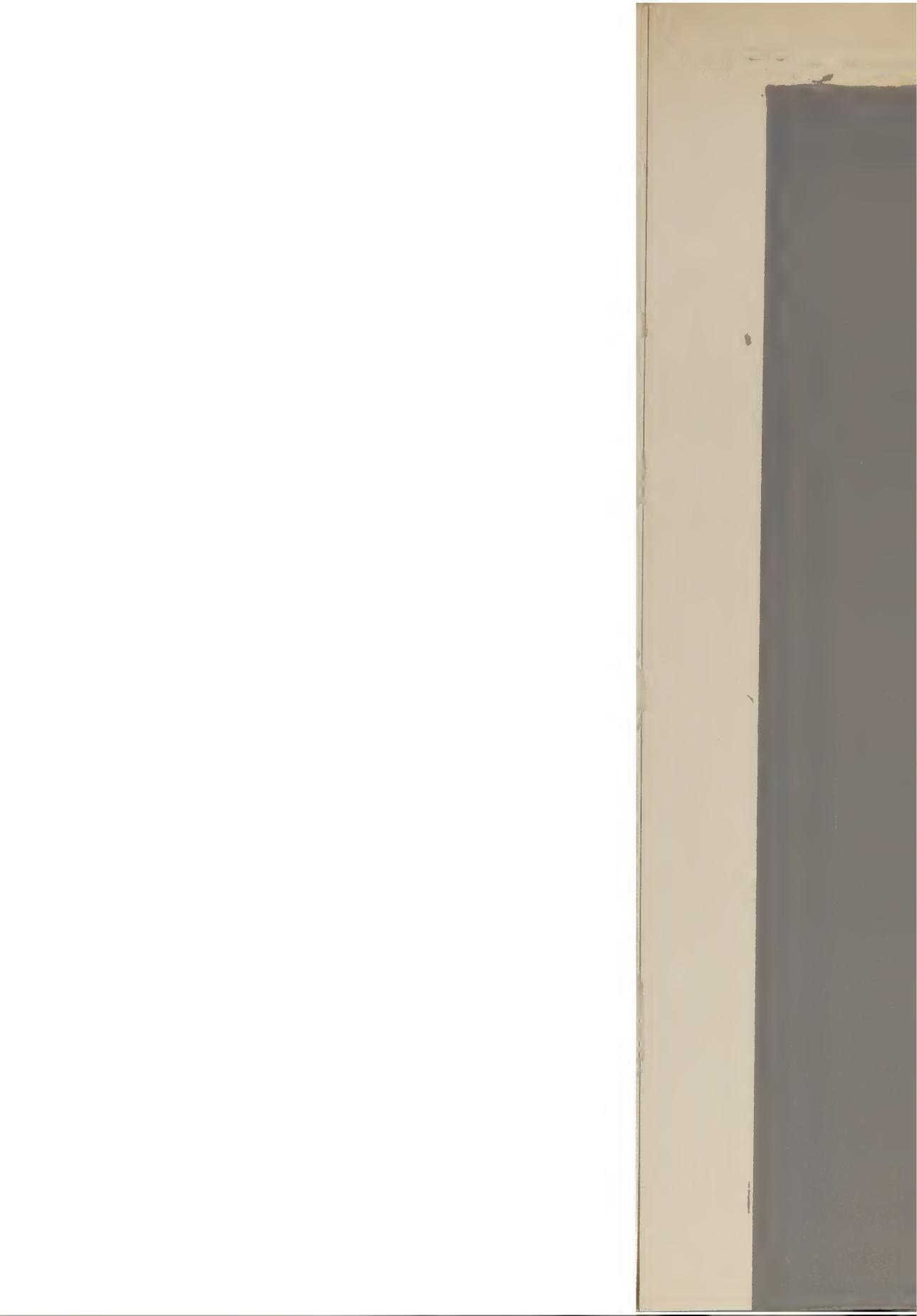
Amary Aguiar de Castro Roso	Lucio Ribeiro da Motta Filho
Evelyne Pape Singer	Armando Bianco Ferrari
Everaldo Duarte Nunes	Eugenia Sarah Wissenbach
Francisco Guardiano	Eva Alterman
Garibaldi Santos Loureiro	Gisela Salles R. dos Santos
Henrique Luiz Zanetti	João Antonio Carreño Gimenes
José Pedro Netto	Lais Cococi de Faria
Laudelina Cotrim de Castro	Lucio Ribeiro da Motta Filho
Marcelo Fortes Barbosa	Maria Helena T. Villas Boas
Paulo Martinez	Maria Salomé Ferraz de A. Arsky
Walnice Galvão Ferreira	Paschoa Baldassari
Walter Nicodemos	Ruth Pinto Ferraz
Yolanda Limongeli	Theognis Dias
Nelly Accuyo	Zillah Murgel Branco



## I N D I C E

INTRODUÇÃO .....	5
A PESQUISA DE TREINAMENTO .....	11
O Tema de Estudos .....	12
A Organização dos Trabalhos e o Projeto de Pesquisa	14
O Levantamento de Materiais .....	19
OS PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA .....	35
Tendências Ideológicas no Ensino Superior Brasileiro .....	35
A composição dos Alunos da Faculdade de Filosofia .....	40
O Ajustamento do Aluno Vindo do Interior .....	54
APÊNDICES .....	67
Reflexões sobre o Treinamento de Pesquisadores em Sociologia .....	67
Repertório Parcial dos Dados e Evidências Coligidos	80
Instrumentos de Coleta de Material .....	89





**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Reitor: — Prof. Dr. Antônio Barros de Ulhôa Cintra**

**Vice-Reitor: — Prof. Dr. Luiz Antonio Gama e Silva**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS**

**Diretor: — Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri**

**Vice-Diretor: — Prof. Dr. Cândido Lima da Silva Dias**

**Secretário-Substituto: — Lic. Eduardo Marques da Silva Ayrosa**

**CADEIRA DE SOCIOLOGIA I**

**Professor: Dr. Florestan Fernandes**

**Assistentes: Dr. Fernando Henrique Cardoso**

**Dr. Octavio Ianni**

**Lic. Marialice Mencarini Foracchi**

**Lic. Maria Sylvia de Carvalho Franco Moreira**

